

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**LAURA CARVALHO DE MORAES**

**DANÇANDO LUZ E SOMBRA:  
Autobiografia e Processo de Criação**

**GOIÂNIA – GO  
2023**



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE GOIÁS FACULDADE  
DE EDUCAÇÃO FÍSICA E  
DANÇA

## **TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### **1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)**

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Laura Carvalho de Moraes

Título do trabalho: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação

### **2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>**

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### **Casos de embargo:**

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Abrão, Assistente**, em 01/03/2023, às 04:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marlini Dorneles De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Carvalho De Moraes, Discente**, em 04/03/2023, às 12:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 06/03/2023, às 16:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3517525** e o código CRC **B642AF9A**.

**LAURA CARVALHO DE MORAES**

**DANÇANDO LUZ E SOMBRA:  
Autobiografia e Processo de Criação**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Goiás – UFG como requisito para obtenção do título de Licenciada em Dança.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Reis Nascimento

**GOIÂNIA – GO  
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Moraes, Laura Carvalho de  
Dançando Luz e Sombra [manuscrito] : Autobiografia e  
Processo de Criação / Laura Carvalho de Moraes. - 2023.  
xc, 90 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Reis Nascimento.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal de Goiás, , Dança, Goiânia, 2023.  
Bibliografia.  
Inclui fotografias.

1. processo de criação. 2. luz e sombra. 3. autobiografia.  
4. dança. 5. vídeo. I. Nascimento, Ana Reis, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO FÍSICA E  
DANÇA

### ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na data de **14/02/2023**, às **10h30min**, de forma **presencial**, na **sala 2 de Dança da FEFD**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação”**, de autoria de **Laura Carvalho de Moraes**, do curso de **Dança - Licenciatura**, da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. Os trabalhos foram instalados pela **Profa. Dra. Ana Reis Nascimento - orientadora FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Profa. Dra. Marlini Dorneles de Lima - FEFD/UFG** e **Profa. Ma. Elisa Abrão - FEFD/UFG**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante realizando algumas sugestões. Posteriormente, de forma reservada, a banca examinadora considerou o TCC **aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca



Documento assinado eletronicamente por **Ana Reis Nascimento, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Abrão, Assistente**, em 01/03/2023, às 04:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marlini Dorneles De Lima, Professora do Magistério Superior**, em 02/03/2023, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3517523** e o código CRC **35FFA16B**.

**Referência:** Processo nº 23070.007410/2023-

58

SEI nº 3517523

[https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_imprimir\\_web&acao\\_origem=arvore\\_visualizar&id\\_documento=3811035&infra\\_sistema=1...](https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=3811035&infra_sistema=1...) 1/1

“E agora eu começava a deixá-la me tocar. Na verdade eu havia lutado a vida toda contra o profundo desejo de me deixar ser tocada”.

(Clarice Lispector)

## AGRADECIMENTOS

Apenas tenho a agradecer! A mim, a Deus, à Deusa, à Terra, ao Universo, às constelações, aos planetas, às borboletas, às estrelas, às aranhas, à lua, aos números repetidos, às sequências numéricas 11:11, 22:22, 12:34, 01:23, 15:15, 17:17, ...

Sou grata à minha orientadora, aos textos que ela escreveu e toda a experiência que pode compartilhar comigo.

Agradeço com carinho a minha mãe, ao meu pai, ao meu irmão, a minha avó e a minha bisavó.

Gratidão também a quem partiu meu coração, a quem me enche de amor e a minha psicóloga, que com palavras através da tela de um celular me fez olhar a cara do capeta pra me ajudar a sair do buraco em que tinha me metido.

Novamente quero agradecer a mim, a eu, à Laura, à Laura Carvalho de Moraes! Porque sem mim, eu não estaria aqui. E isso não é piada. Não me abandonei e, por isso, cheguei onde queria. O processo criativo é um turbilhão e às vezes pode-se sair do outro lado sem nada. Porém, saí com tudo que precisava.

Por fim, agradeço ao sol! Ao girassol! À cor amarela que me inspira dentro do peito! Quero me rasgar de emoção para depois me banhar, lavar, receber e agradecer, pois eu mereço.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade acompanhar um processo criativo que se desenvolveu a partir da temática de luz e sombra, terminologia da psicologia junguiana, para se referir às polaridades da personalidade humana. Através da autobiografia, de uma escrita performativa e de experimentações artísticas sobre performance, dança, vídeo, foto, maquiagem e figurino, percorro meus labirintos conscientes e inconscientes, trazendo imagens de mim: sensual, agressiva, tímida, divertida, tudo junto em único ser. Então, pautada na crítica genética de Cecília Almeida Salles, compartilho como ocorreu o trajeto, as reviravoltas e questionamentos sobre sensualidade, dança e imagem presentes no trabalho. Relacionando-me não somente à praticidade do processo criativo, mas igualmente às transformações sofridas e às emoções borbulhantes no trajeto de tornar realidade algo que antes era só fantasia.

**Palavras-chave:** processo de criação, luz e sombra, autobiografia, dança, vídeo.

## ABSTRACT

This research aims to accompany a creative process, which was developed from the theme of light and shadow, terminology of Jungian psychology to refer to the polarities of the human personality. Through autobiography, performative writing and artistic experimentation on performance, dance, video, photography, makeup and costumes, I go through my conscious and unconscious labyrinths, bringing images of myself: sensual, aggressive, shy, fun, all together in a single being. . So, based on the genetic criticism of Cecília Almeida Salles, I share how the journey took place, the twists and turns and questions about sensuality, dance and image present in the work. I focus not only on the practicality of the creative process, but also on the transformations suffered and bubbling emotions on the way to making something come true that was just fantasy before.

**Keywords:** creation process, light and shadow, autobiography, dance, video.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	7
<b>CADERNO 1: DELIRANTE VOU ATRÁS DE VOCÊ, SOMBRA</b>	10
<b>O que é a sombra? Ou talvez...quem?</b>	12
<b>Eu sou artista, não psicóloga</b>	16
<b>Arriscando uma pesquisa</b>	20
<b>É para escrever sobre o quê mesmo?</b>	26
<b>CADERNO 2: FUDEU GOSTOSO!</b>	34
<b>CADERNO 3: <i>TOPZINHO</i> E <i>HOT PANTS</i> ENFIADA NA BUNDA</b>	45
<b>Ser gostosa é ser feliz!</b>	51
<b>Isso não é mais uma dança, é um vídeo!</b>	54
<b>CADERNO 4: QUIS ME SENTAR PARA CONVERSAR</b>	61
<b>CADERNO 5: VAMOS AOS FATOS</b>	66
<b>Elementos da criação</b>	68
<b>Espaço e música:</b>	68
<b>Iluminação:</b>	69
<b>Maquiagens:</b>	70
<b>Figurinos e variedade:</b>	73
<b>Edição de vídeo e referências:</b>	75
<b>Filmagem:</b>	78
<b>Fotos:</b>	80
<b>Orçamento:</b>	81
<b>INTEGRANDO.... INTEGRANDO... INTEGRANDO...</b>	82
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	85

## INTRODUÇÃO

O que é “dançando luz e sombra”? Primeiro, o verbo está no gerúndio. Não é “dancei”, no passado, nem “dançarei”, no futuro. É dançando, no presente e continuamente. Agora, enquanto você está lendo, estou dançando, e é verdade, porque dançar é sinônimo de vida. Se tem dança, se tem movimento, está vivo. Se não tem, é porque já morreu. Quando morrer, nesse caso poderá ser, “dancei minha luz e sombra”, porém, enquanto estou viva (e bem viva!), é dançando.

E “luz e sombra” é o quê? É um casal. Vê que estão sempre juntos? Não é só a sombra, nem só a luz, são os dois. A sombra atrai pelo mistério e calafrio e a luz chama atenção pelo brilho e calor. Poderíamos chamar de noite e dia, sol e lua, feminino e masculino e por aí vai. São vários os pares indissociáveis na natureza.

Ademais, luz e sombra tem outro significado nesta pesquisa. Conheci essas parceiras fantásticas lendo sobre a Psicologia Junguiana. Neste estudo, luz e sombra é uma terminologia para tratar das polaridades da psique. Essas polaridades se constituem pelo o que, em nossa personalidade, nós identificamos conscientemente – a luz – e pelo que tentamos excluir inconscientemente – a sombra. A relação com a luz e sombra na esfera psicológica é individual, pessoal e ao mesmo tempo compartilhada, pois há atravessamentos da cultura para dizer o que vai para a sombra e o que vai para a luz.

Então, dançando luz e sombra, significa dançar as polaridades, as indissociações, o claro e o escuro ao mesmo tempo. Porém, dançar é uma ação relacionada ao espaço. Eu vou dançar onde? Bom, sou artista e gosto do holofote. Portanto, escolho dançar minha luz e sombra no palco da vida! Com “palco da vida” quero dizer que resolvi me expor, que resolvi chamar todo mundo e dizer: “Ei! O show vai ser aqui!”. Logo, esta pesquisa é um espetáculo que preparei para você! Vim apresentar minha luz e sombra e, quem sabe, despertar a sua também.

Assim, autobiografia e processo criativo complementam a ideia de luz e sombra. Parti da minha vivência pessoal do que já conhecia em mim (a luz) e do que estava curiosa para conhecer mais (a sombra) e iniciei um processo criativo, ou melhor, uma jornada. Logo, venho contar as etapas desse percurso, compartilhar onde cheguei e como a minha história pessoal serviu de estofa criativo para tudo isso.

Portanto, além da Psicologia Junguiana, associei nesta pesquisa os Estudos Autobiográficos na Arte e a Crítica Genética para falar do meu percurso criativo.

Em relação à estrutura deste Trabalho de Conclusão de Curso, o dividi em 5 cadernos. São cadernos pois sempre tive o costume de escrever diários, com minhas reflexões e acontecimentos da minha vida. Logo, no meio do processo de escrita percebi que estava a organizando de maneira muito parecida com a qual escrevo em meus diários, não conforme a separação em datas, mas na forma em que os pensamentos foram surgindo, de um jeito espiralado, em que um pensamento puxa o outro.

Sendo assim, ao longo do **Caderno 1: Delirante vou atrás de você, sombra**, irá encontrar os títulos: **O que é a sombra? Ou talvez... quem?; Eu sou artista, não psicóloga; Arriscando uma pesquisa e É para escrever sobre o quê mesmo?** Neles, discorro sobre o que me impulsionou internamente durante o processo de criação, onde explico mais sobre o conceito de luz e sombra, posiciono-me enquanto artista pesquisadora do meu processo criativo, que é de fato o interesse da minha pesquisa, e não necessariamente me ater à psicologia. Ademais, conto sobre o encontro com a minha orientadora, também sobre a disciplina da faculdade de Introdução ao Pensamento Científico e encerro discutindo o que vale para mim de tudo que poderia escrever do meu trajeto criativo.

Após, no **Caderno 2: Fudeu gostoso!**, trago uma reviravolta que aconteceu no percurso. Não irei dar muitos detalhes agora, para manter o mistério. Em seguida, o **Caderno 3: Topzinho e hot pants enfiada na bunda** conta com os títulos: **Ser gostosa é ser feliz! e Isso não é mais uma dança é um vídeo!** Nesta etapa da pesquisa abordo sobre experiências pessoais, os caminhos que me levaram ao meu resultado artístico e algumas reflexões sobre o fazer. Além disso, apresento a minha visão sobre os conteúdos transpostos para a obra e indagações pessoais sobre a relação entre dança e vídeo, real e virtual.

Próximo do fim, no **Caderno 4: Quis me sentar para conversar**, dialogo com três autores: Ana Reis Nascimento, Danilo Patzdorfo e Antonieta Acosta. Para isso, escolhi citações desses autories e escrevi cartas, para cada ume dus três, nas quais compartilho o que me mobilizaram em suas escritas. Escolhi essas referências pois trazem temas que me sacudiram ao longo da pesquisa: as representações de mulher, o humano e o digital e a temporalidade nos vídeos de dança.

Finalmente, no último caderno, **Caderno 5: Vamos aos fatos**, estão os subtítulos: **Elementos da criação, Espaço e música, Iluminação, Maquiagens, Figurinos e variedade, Edição de vídeo e referências, Filmagem e Orçamento.**

Os títulos são autoexplicativos; no último capítulo escolhi traçar de forma prática como materializei a minha criação a partir de algumas ferramentas, materiais e dispositivos.

Antes de seguirmos, preciso explicar duas situações. Primeiro, utilizo em alguns momentos da escrita o pronome neutro, substituindo as vogais temáticas (a/o) e os artigos (a/o) pelo “e” e pelo “u”. Consciente que o debate sobre a linguagem inclusiva na língua portuguesa segue em curso e com ressalvas, inclusive, sobre a utilização do “e” e do “u”, opto por essa alternativa por ser a que tive mais contato.

Segundo, em vários momentos utilizo uma escrita em *itálico*. Quando encontrar um texto assim, leitor, pare. Respire. Abra a sua mente e leia. Talvez as ideias pareçam poetizadas demais e objetivas de menos, mas dê uma chance. *Essa é a minha escrita sincera, com menos filtros, menos polidez, onde jorro emoção e deixo transparecer o coração! Às vezes sou ríspida, grosseira, desbocada e sem vergonha. Em outros momentos sou suave, despojada, com bom-humor e energia vibrante.* Eventualmente, o texto em *itálico* é a minha *sombra* e o resto é a luz, eventualmente não. Já desisti de tentar separá-las e acredito que o melhor seja a compreensão pelas sensações do corpo do que ficar tentando explicar demais.

## CADERNO 1: DELIRANTE VOU ATRÁS DE VOCÊ, SOMBRA

*Você estava achando que a vida era fácil. Bobinha. Não tente me explicar em eventos como se eu já não te atormentasse antes. Eu sou Você. Sem mim você não existe, não passa de um saco vazio totalmente sem graça. Tudo bem que você era tímida, mas nunca foi dócil, porque dentro sempre explodiram raivas mil, dores e pesares.*

*Você sempre fugiu para a reclusão, para diários e para as fantasias em todos os lugares: no banho, escovando os dentes, andando de carro, no quarto. Ah, as fantasias são um mundo mágico! Tudo pode acontecer, com certa dose de pudor e tentativas de tornar as cenas mentais verossímeis. Ainda assim, as fantasias são um mundo de deleite. Pena que a realidade existe. Pena que eu sonho, sonho e nada acontece. Ansiedade, AnSieDadE, ANSIEDADE! Ah! Eu adoro esse monstrinho, faz a gente andar para frente. No seu mar ansioso você me encontrou, numa água turva. Nós dançamos bem juntas. Eu te atormento daqui e você sofre daí.*

*Até que... BOOM! O sofrimento é insustentável. As lágrimas doem ao cair. A mente delira entre irreal e real. O corpo nem existe mais. Afinal, para que corpo se tudo que eu quero é abandonar a matéria e alucinar, alucinar até ser louca e feliz? Mas é isso! Você ressurgiu das trevas! Agradeça por eu ser linda e gostosa demais a ponto de você ser incapaz de não viver correndo atrás de mim.*

Em março de 2020, começou a pandemia da COVID-19. Para tentar controlar a taxa de transmissão do vírus, que se propaga de pessoa para pessoa por meio de gotículas do nariz ou da boca que se espalham quando alguém doente tosse ou espirra, medidas de segurança foram adotadas. Dentre elas, que a população ficasse em casa de quarentena, evitando o máximo possível saírem às ruas. Durante esse isolamento social, passei bastante tempo comigo mesma, mais ainda do que costumava estar. Meu irmão brinca e diz: – “A Laura foi para Nárnia<sup>1</sup>”, quando entro no meu quarto e fecho a porta. Meu quarto é meu casulo. É onde organizo minhas ideias para continuar seguindo em frente. Ou talvez, não seguir em frente, mas em círculos até descobrir como sair dos *loopings*. Isso porque guardo apegos do passado. Um deles é um insistente amor platônico sobre o qual crio fantasias...

---

<sup>1</sup> Referência à história “As crônicas de Nárnia”, em que as personagens vivem aventuras em um mundo fantástico.

Enfim, sou uma pobre jovem apaixonada, iludida com um amor impossível, perdida em imaginações de como ser notada e de como ser amada. Isso gera muita ansiedade, infelicidade e culpa. “Porque estou fantasiando ao invés de viver a minha vida!?”. Gostaria muito de poder culpar a pessoa por quem me apaixonei. Às vezes, costumo pensar: “Eu te odeio do fundo do meu coração”.

No início de 2020 eu não sabia, mas apaixonar-se é uma projeção e tem tudo a ver com olhar para as sombras. Projeção é um termo da psicologia que quer dizer que vemos nas outras pessoas conteúdos individuais que ainda não reconhecemos em nós mesmos. A projeção não é um processo consciente, isto é, ninguém escolhe o que vai projetar e nem em quem.

A implicação é que projetamos nossas próprias características inconscientes boas e ruins nos outros, mas acreditamos que essas características estão neles. Uma vez que o mecanismo de projeção é inconsciente, *pensamos* que a falha está no outro quando na verdade se encontra no nosso íntimo. (HAMAKER-ZONDAG, 1988, p. 127).

Um tipo específico de projeção é a paixão. “Apaixonar-se é projetar a parte mais nobre e infinitamente valiosa do ser de uma pessoa sobre outro ser humano.” (JOHNSON, p. 57, 1996). Escrevendo agora penso “Mas Laura, se apaixonar é uma coisa tão comum, porque fazer um escarcéu em cima disso!?”. Acredito que porque tenho algo para aprender, algum ciclo vicioso para romper.

Assim, desapegar do passado envolve um grande empenho de energia e, após iniciada a transformação, não há mais como voltar atrás. A ansiedade e as fantasias no meu quarto me consumiram; fui atrás de ajuda e iniciei um processo terapêutico dentro da abordagem junguiana no final de 2020. Concomitantemente à terapia, a angústia me impeliu a criar, a imaginar mil imagens extravagantes e escrachadas de mim, a desejar muito expelir o que sinto. Nas minhas fantasias, mais do que a pessoa amada, vejo tudo que eu gostaria de ser.



Figura 1: Série: *Doces de mentira e teatros de degustação: desconfortos e prazeres de agir no mundo*. Título: *Doces de mentira e teatros de degustação 1*. Artista: Laura Carvalho de Moraes, Arte digital, 2020

### O que é a sombra? Ou talvez...quem?

“A sombra é aquilo que não entrou adequadamente na consciência. É a parte desprezada do nosso ser.” (JOHNSON, 1996, p. 18).

“A sombra em nós é nosso misterioso espectro, a contrapartida daquela nossa parte com a qual nos identificamos.” (HAMAKER-ZONDAG, 1988, p. 126).

Os traços característicos da sombra podem ser reconhecidos, sem maior dificuldade, como qualidades pertinentes à personalidade, mas tanto a

compreensão como a vontade falham, pois a causa da emoção parece provir, sem dúvida alguma, de *outra* pessoa. (JUNG, p. 7, 1986).

Exemplo: eu digo: “– Sou perseverante”, mas omito os dias que só quero ficar largada na cama desejando que todos os meus compromissos desapareçam. Então, não digo: “– Sou preguiçosa”, pois dizer que sou perseverante é melhor para a minha imagem social e me dá mais orgulho. O parâmetro para julgar o que é motivo de orgulho ou de vergonha é criado pela cultura. Segundo Johnson (1996), a cultura é uma estrutura artificialmente imposta e absolutamente necessária, pois, sem ela, não haveria condutas civilizadas que possibilitariam ao ser humano conviver em sociedade, distinguindo, por exemplo, entre o que é bom e mau.

Entretanto, independentemente de ser aceita ou não, a sombra não deixa de existir. Na verdade, aparece nos momentos mais indesejados, nos forçando a olhá-la. O drama é que, enquanto parece inaceitável ser preguiçosa, retornando ao meu exemplo pessoal, é muito sofrido perceber-me assim, o “tempo fecha”, os sentimentos a meu respeito são pesados e a busca por qualquer coisa que anestesie esse estado é constante; como doces, fantasias e escutar música no fone de ouvido.

Porém, a vivência na sombra começa a se tornar mais saudável quando entendo que não sou perseverante e nem preguiçosa. Eu sou os dois. E, por sê-los, talvez seja algo entre um e outro. Na terapia, logo nas primeiras sessões, aprendi a usar o “também”. “Eu sou perseverante também”. “Eu sou preguiçosa também”. Isso significa que integrar luz e sombra exige uma transformação e é preciso dar nova “cara” tanto à luz quanto à sombra. É preciso libertar-se dos certos e errados para enxergar o valor de cada parte de si. Assim, a expressão da sombra deixa de ser deturpada e passa a contribuir com o nosso autodesenvolvimento. A partir daqui, as cordas do autojulgamento começam a afrouxar...

Outra coisa que aprendi sobre a sombra é: expresse-a. Não à toa me proponho criar uma *performance* toda pautada nessa expressão. Todavia, é importante lembrar a atuação inconsciente da projeção em outras pessoas de nossos aspectos ainda não assumidos. Sentir raiva de alguém ou antipatia, por exemplo, não significa que o outro é responsável por isso. Logo, expressar a própria sombra não quer dizer ser violento e exigir que todos atendam às suas vontades, ou seja, agir sem considerar o bem-estar das pessoas e do meio ao redor. Integrar luz e sombra é um processo de amadurecimento e tomar para si a responsabilidade dos próprios sentimentos é

essencial. A sensação inicial pode ser de solidão, mas, ao mesmo tempo, é muito fortificante! Eu posso mudar a minha vida, não sou vítima de ninguém.

Nesse ritual você deve encontrar um dos conteúdos do lado esquerdo<sup>2</sup> da sua personalidade e lhe dar expressão de uma forma que satisfaça a ele, mas que não prejudique nada do lado direito da personalidade. Você pode desenhá-lo, esculpi-lo, escrever uma história animada sobre ele, dançá-lo, queimar alguma coisa ou enterrá-lo (JOHNSON, 1996, p. 50).

Essa é a parte mais burocrática da sombra. Agora, o que fez meus olhos brilharem e meu corpo se encher de alegria foi descobrir que o melhor de mim, os aspectos que me tornam mais original, habitam o meu espectro sombra!

Geralmente as características comuns e mundanas são a regra. Qualquer coisa menos que isso vai para a sombra. Mas qualquer coisa melhor também vai para a sombra! Uma parte do ouro puro de nossa personalidade é relegada à sombra porque não encontra lugar nesse processo de nivelamento que é a cultura. (JOHNSON, 1996, p. 20).

“Nossa! Uma Laura mais feliz é possível!”, “Eu posso ser quem eu sou!”, “Liberdade!”. E um sorriso enorme se abre em meu corpo... Claro que vivenciar esse ouro da personalidade exige muito empenho no autoconhecimento e a sensação de equilíbrio entre luz e sombra pode ser bem breve. Porém, me sentia tão aprisionada, não pela quarentena da pandemia, mas por mim mesma (sempre fui a minha carrasca mais cruel), que ler sobre a beleza e poder da sombra me deu esperança. Esperança de que as formas que imagino sobre mim, nas fantasias, podem não ser uma completa loucura irrealizável e de que a minha realidade emocional pode ser livre e feliz.

Por fim, no exemplo inicial, se a preguiça é a sombra, a perseverança é a luz. A luz é o par oposto da sombra na psique; é o que temos consciência e reconhecemos mais facilmente como sendo nós mesmos. “A luz não é interessante?”, “Não é bom ser perseverante?”. Sim, com certeza, principalmente porque ser apenas preguiçosa seria um desastre. A sombra existe porque existe a luz, e vice-versa, é um par indissociável. Contudo, escolho olhar em primeiro plano para a sombra porque o desconhecido me é mais atraente... É como conhecer uma nova pessoa, com quem a relação é difícil, mas ainda assim sinto-me conectada.

---

<sup>2</sup> Johnson utiliza os termos *lado esquerdo* e *lado direito da personalidade*, referindo-se, respectivamente, à sombra e à luz.



Figura 2: Título: *Gêmeas*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Fotógrafa: Aldenora Carvalho, 2020

## Eu sou artista, não psicóloga

Estou sem enxergar, deformando, tentando entender o que está acontecendo comigo. Ano 9<sup>3</sup>, Plutão no meu ascendente<sup>4</sup>, Urano em touro<sup>5</sup> e quase dois anos de pandemia. Quanto mais faço terapia, mais meu universo se expande. O que compreendia numa semana se desfaz e refaz em pouco tempo junto às novas percepções. Muitas conquistas acompanham o processo, mas não posso negar que estou sofrendo. Sinto a pele descolando dos músculos, os músculos descolando dos ossos, os ossos desmontados e os órgãos desconexos pulsando como peixes fora d'água. Cada parte de mim sangra e chora sozinha. "Preciso me recompor, preciso me recompor, preciso me recompor...". O mais incrível é que a tortura mental passa e quando tudo se recola, o sol brilha mais forte do que nunca, como se a dor e as lágrimas jamais fossem retornar. Estou saltando entre oitos e oitentas. Estou ficando cansada.

Vivo o meu processo de dentro da neblina, de dentro do casulo da lagarta que desconhece a forma de borboleta. Conheço alguns conceitos da psicologia, crio parâmetros com a minha imaginação e me agarro a isso como botes salva-vidas. A verdade é que não paro de caminhar, não porquê compreendo muito bem tudo que está acontecendo, mas porque no mesmo instante que penso em desistir, vem uma raiva que ruga de dentro e, se eu parar, ela me devora.

---

<sup>3</sup> O conhecimento esotérico da Numerologia explica que cada ano vivido por nós possui um número que indica a tendência das experiências nesse período de tempo. O ano pessoal 9 é um encerramento de ciclo marcado por autorreflexão, limpeza e transformação pessoal.

<sup>4</sup> Trânsito astrológico desde o ano de 2008 até 2023. Plutão na astrologia trabalha o tema da morte e renascimento. O ascendente é um ponto no mapa astral pessoal que diz respeito à identidade.

<sup>5</sup> Trânsito astrológico desde 2018 até 2026. Urano na astrologia trabalha o tema da quebra de estruturas.



Figura 3: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame da videoperformance *Em metamorfose*<sup>6</sup>, 2021.

Isto posto, a visão que tenho do meu processo de autoconhecimento não é de fora, não é como se olhasse as experiências a partir de outros critérios que não os meus próprios, os quais estão sujeitos a ilusões e incompreensões. Sendo assim, não tenho a pretensão de fazer uma análise, que esteja plenamente alinhada com a teoria da psicologia junguiana sobre os conceitos de luz e sombra. Ao contrário, o centro desta pesquisa é justamente a vivência, registro e estudo do meu percurso criativo na concepção de uma performance, para a qual os meus encaracolamentos íntimos são o que me interessam.

Portanto, na escrita deste TCC, me associo ao campo dos estudos autobiográficos na arte. No artigo *Autobiografia e as práticas artísticas contemporâneas* (RODRIGUES, 2017, NASCIMENTO, 2017, SILVA, 2017) as autoras elencam três termos impulsionadores para o debate sobre as relações entre arte e autobiografia. Os termos são: autorrepresentação, ruptura e enunciação. Ao identificar a minha pesquisa nessas vias de leitura, amplio a minha compreensão sobre o lugar que ocupo enquanto artista e pesquisadora.

---

<sup>6</sup> Link da videoperformance *Em metamorfose*: <<https://www.youtube.com/watch?v=39wGpraMxKE>>.

A autorrepresentação acontece por eu mesma propor me investigar pela linguagem da performance como na minha experiência pessoal percebo minha luz e sombra e assim me aproximo, paulatinamente, da minha integração pessoal e interpessoal.

A ideia de autorrepresentação está ligada às práticas que podem gerar imagens e posicionamentos dos indivíduos diante de si mesmos, levando em consideração suas representações sociais e formas de se relacionar com outras pessoas e com o mundo. (RODRIGUES, NASCIMENTO, SILVA, 2017, p. 63).

Assim, diante de mim mesma quero desconstruir e reconstruir minha autoimagem mediante um processo, não só reflexivo, mas, de experimentações corporais visando uma autocura e autorrepresentação pela expressão artística.

Outrossim, me desafio nesse processo realizar uma ruptura micropolítica na sociedade patriarcal que abafa a voz e o corpo da mulher.

Ruptura, por sua vez, abre espaço para ações e reflexões provocadoras de quebras nos sistemas hegemônicos, possibilidades micropolíticas, práticas artísticas dissidentes que rompem com as tradições da sociedade patriarcal colonizada que tanto abafam vozes e engessam corpos. (RODRIGUES, NASCIMENTO, SILVA, 2017, p. 64).

Na sombra se encontra tudo que é reprimido culturalmente e, sendo eu uma mulher, seria impossível mergulhar nesse meu mar e não sentir meus Medos: Medo de falar, Medo de ser invalidada e Medo de expressar a minha sensualidade e sexualidade. Medos esses que se relacionam com experiências individuais de rejeição e, ao mesmo tempo, com o machismo estrutural. Isto é, a indissociação entre o pessoal e o social.

Por último, me identifico com o termo da enunciação, pois estou convocando o lugar de enunciadora da minha história e assumindo a minha autobiografia como, também, fonte de conhecimento. Portanto, estou contribuindo e acreditando na coexistência de uma multipolaridade de saberes além dos hegemônicos, eurocêntricos, apresentados como universais.

[...] o termo enunciação está presente como forma de endereçar o campo dos estudos decoloniais e ressaltar a importância das operações de desligamento da cosmovisão e epistemologias hegemônicas eurocentradas que se apresentam como universais e, assim, mantêm nossa imaginação e visões de mundo cativas. (RODRIGUES, NASCIMENTO, SILVA, 2017, p. 64).

Nesta pesquisa trago o conhecimento legitimado do Jung junto aos meus conhecimentos pessoais, sem hierarquia, focando em como me relaciono, em minha vivência cotidiana e artística com a teoria junguiana sobre luz e sombra.

Além disso, o meu interesse por esse conhecimento é perpassado não só pela grande aceitação da psicologia junguiana e, por isso, já bem disseminada, mas também pela relação afetiva com mulheres presentes no meu dia a dia e na minha história: a minha mãe, que é psicóloga (de outra abordagem da psicologia), minha falecida avó, que foi psicóloga e pesquisadora dentro da abordagem junguiana, e a psicóloga que me atende. Inclusive, o ímpeto para ler sobre esse assunto surgiu ao ficar olhando a estante com os livros da minha avó que meus pais conseguiram conservar. Maravilho-me com os temas e sempre pego mais um que quero ler.

Conforme escreve Gloria Anzaldúa, “Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitário e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico” (ANZALDÚA, 2000, p. 233). Dessa forma, saio do universal e me dirijo para uma abordagem feminista da autobiografia, que abraça a importância da minha escrita, pois é distinta da convencional que narra apenas a vida de homens da elite branca intelectual e financeira reconhecidos na sua esfera social.

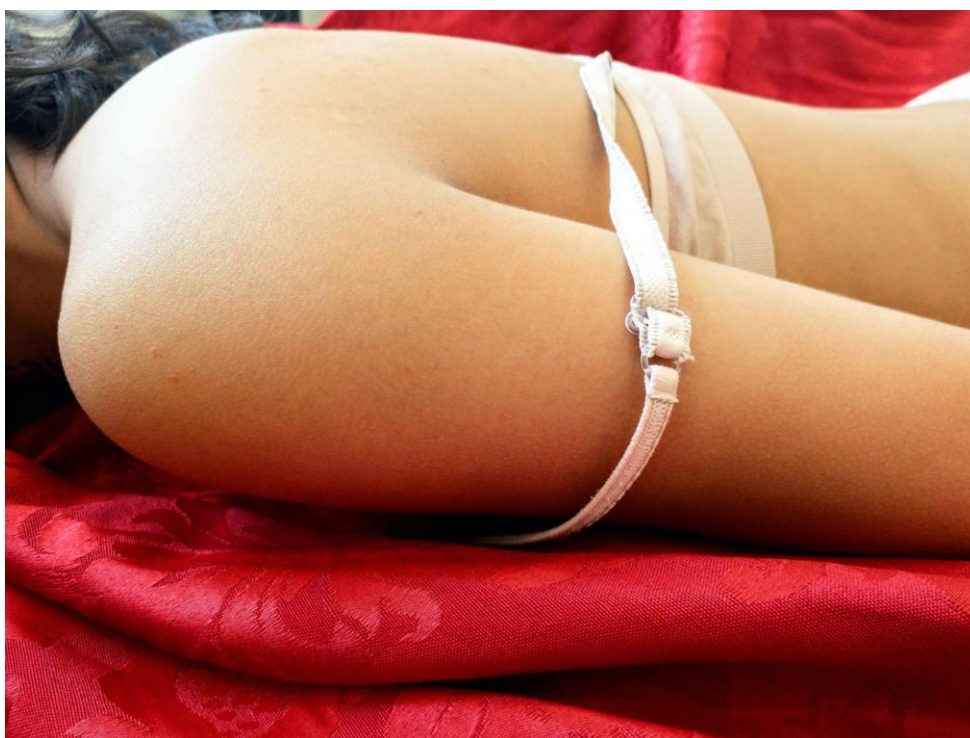


Figura 4: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Fotógrafa: Aldenora Carvalho, 2021

## Arriscando uma pesquisa

Na disciplina de Introdução ao Pensamento Científico (IPC), que iniciei no segundo semestre de 2020, convidei para ser minha orientadora a professora doutora Ana Reis Nascimento, que aceitou me auxiliar nessa jornada. Na primeira orientação entendi que a minha pesquisa seria sobre meu percurso criativo na elaboração de uma apresentação cênica, cujo tema era luz e sombra. Inicialmente, dizia que era uma apresentação de dança, mas tinha dúvidas se o que pretendia se encaixava mais na dança ou na *performance*.

Essa incerteza existia uma vez que, durante a pandemia, comecei a experimentar me expressar por vídeo e foto, suportes que propõem relações com o corpo diferentes das quais estava acostumada nas minhas aulas e apresentações de dança nos palcos dos teatros. Nessas experimentações fui me aproximando dos meus anseios artísticos pessoais e da linguagem híbrida, em que além do diálogo com a tecnologia, comecei a fluir na minha movimentação corporal entre dança e ação performática.

Vale ressaltar que o meu flerte com a *performance* iniciou quando tive contato com a improvisação em dança em uma disciplina da faculdade. Essa experiência teve um impacto na minha formação artística e acadêmica. A partir daí, a minha liberdade no movimento corporal se expandiu e transpareceu mais quando me propus expressar minhas próprias criações artísticas. Logo, nesse início da pesquisa estava me sentindo um pouco “órfã”, buscando reconhecer a minha própria expressão que vinha despontando no meu corpo e nas minhas ideias.

Então, em diálogo com a Ana Reis, ela me apresentou ao campo de estudos autobiográficos na arte, a textos sobre *performance*, sobre feminismo na arte e sobre a crítica genética para pensar o processo criativo; conversamos sobre os limiares entre dança e *performance*. A partir desses primeiros encontros, acrescentamos a minha pesquisa a noção de autobiografia, visão a partir da qual posso assumir a minha história pessoal como norteadora do meu processo. Além disso, as demais leituras foram me ajudando a vislumbrar o exercício de artista-pesquisadora, e, então, definimos o tema inicial da minha pesquisa: Dançando histórias pessoais: autobiografia e autorrepresentação.



Figura 5: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame do vídeo *Dançando histórias pessoais: autobiografia e autorrepresentação* (TCC – Disciplina de IPC)<sup>7</sup>, 2020.

Ademais, Ana Reis me orientou a elencar quais elementos cênicos, materiais e corporalidades pretendia pesquisar. A princípio, tinha a intenção de explorar o improviso na movimentação, minha voz ao vivo, maquiagem artística, construção de figurino partindo de sobreposição de roupas e iluminação com refletores, estudando a formação de sombra no meu corpo e no espaço cênico. Esses desejos iniciais surgiram a partir do que eu já estava experimentando artisticamente e no meu cotidiano, resultados do meu autoconhecimento em terapia, das interações na faculdade e de outras vivências.

A maquiagem artística surgiu a partir do momento em que reconheci no meu processo terapêutico uma necessidade de buscar a minha originalidade e de transgredir as regras que seguia até então. Expressar-me através da maquiagem significa para mim: liberdade, criatividade, autenticidade, diversão e beleza. A semente de conscientização dessa necessidade brotou da experiência que tive na disciplina de Improvisação e Composição, na faculdade, ministrada pela Princesa Ricardo Marinelli<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Link do vídeo *Dançando histórias pessoais: autobiografia e autorrepresentação* (TCC - Disciplina de IPC): <<https://www.youtube.com/watch?v=n9x7PNPHN7g>>.

<sup>8</sup> Princesa Ricardo Marinelli é bem bicha. Bicha orgulhosamente bizarra. Artista da dança, Terrorista de gênero. Coursou Licenciatura em Educação Física (2002) e Mestrado em Educação (2005) na UFPR e, atualmente, desenvolve pesquisa de doutorado em Performances Culturais na UFG. Integra o corpo docente do curso de Dança da FAP-UNESPAR, onde também coordena o NERG (Núcleo de Educação para as relações e Gênero). Foi professora do Curso de Licenciatura em dança da UFG (2017-2018) e do curso de Licenciatura em Educação física da UFPR (2005-2006). Bolsista/residente da Casa

Imaginem, nunca tinha convivido com alguém que, aos meus olhos, era tão esteticamente transgressora. Pautada nos meus padrões de gênero, reconhecia a Princesa como um homem, que se maquiava de forma abundante todos os dias para nos dar aula na faculdade, que vestia roupas tão diversas, tão autênticas. Alguém que chamava a atenção e brilhava, não só pela sua aparência, mas porque a sua imagem externa me parecia ser reflexo dos seus ideais internos.

*(Inspiração) UAU... Você é tão bonito! Queria ser assim... tão brilhante, tão visível! Ai que empolgante! Parece um show, um pop star, uma diva! Tão transparente, tão autêntica. Uma bicha. Um veado. Será que posso ser assim também? Será que tenho direito? Eu posso me aproximar? – “Olá” – chego timidamente – “Vou pegar um pouco de pó de estrelas, mesmo que você não saiba.”*

A Princesa lecionava sobre improvisação na dança, uma prática ainda não muito conhecida e experimentada por mim na época. Hoje, improvisar tem para mim o significado de deixar vazar tudo que nasce e se agita dentro de mim, de deixar-me envolver com o inesperado, o desconhecido, o esquisito, o medonho, e de ter experiências corporais incríveis que nunca mais se repetirão.

Não tem como, mexeu com a minha sombra. Sombra tem a ver com admiração. “O desenvolvimento geralmente usa esses meios para introduzir o estágio seguinte de seu progresso. O herói de hoje é o caráter de amanhã” (JOHNSON, 1996, p. 43). Assim, olhei para a Princesa e, depois, para mim, a fim de encontrar a minha forma pessoal de ser diferente. A maquiagem faz parte desse processo. Não tento copiar ninguém, a inspiração das formas vem de fora, mas o conteúdo da minha expressão nasce de dentro.

---

Hoffmann (2003-2004) e integrante-fundadore da Couve-flor, minicomunidade artística mundial (2005-2012). Entre 2004 e 2015 recebeu 16 prêmios de diferentes instituições para suas criações e projetos, com os quais tem circulado por diversos eventos no Brasil, Alemanha, Martinica, Cuba, Uruguai, Peru, Equador, Itália, Espanha e Áustria. Suas obras mais destacadas são *?Travesqueens?*, *?Não alimente os animais?*, *?Eu tenho autorização da polícia para ficar pelado aqui?*, *?Família dos batráquios?*, *?Jaula Cabaré?*, *PRINCESA – Justo a mim me coube a explosiva tarefa de ser eu* e a mais recente *CUIDADO COM AQUELE BIZARRA!*. Desde 2011 mantém a plataforma criativa *Sim, somos bizarras!*, reunindo diversos artistas brasileiros que trabalham com questões ligadas a corpos abjetados, projeto que contou com o financiamento do programa Rumos Itaú Cultural 2013-2014. Foi vinculado ao Núcleo de estudos e Pesquisas Sócio-filosóficas e Culturais em Educação e Educação Física (NUPESC/UFPR), onde coordenou, entre 2004 e 2006, a linha de pesquisa de Corpo e Diversidade Sexual. Atualmente coordena o Núcleo de educação para as relações de gênero (NERG) da UNESPAR –Campus Curitiba II. Criativa e esteticamente está interessada em desenvolver uma poética pessoal que articule corpo, intimidades e vivências das sexualidades. Na verdade o que ela quer mesmo é tocar fogo no antigo e no novo normal.

A ideia das roupas sobrepostas para o figurino vem do mesmo desejo de nutrir a minha autenticidade estética. Na minha primeira experiência pessoal com essa proposta, ainda não voltada para o TCC, misturei um vestido prateado, uma meia calça transparente, uma calça de veludo preta, um par de meias de cano longo roxas, um par de saltos pretos, um *cropped* preto de manga longa, um *blazer* preto, luvas pretas e uma máscara amarela de vaca. Olhando para a foto abaixo (figura 6), pode não parecer nada demais, apenas um *look* de frio, mas meus olhos de dentro me julgavam sem dó. Nessa experiência via a imagem que chegava a partir desses elementos como estapafúrdia e, até mesmo, uma farsa de mim. Um crime! Porém, a verdade é que o estapafúrdio também existe em mim. Então, ressignifiquei o suposto “crime” como uma expressão mais integrada do que antes seria minha luz e sombra e, por isso, fazia sentido como elemento cênico que pretendia pesquisar.



Figura 6: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame de vídeo sem título, 2020

Próxima corporalidade: a voz. “Eu digo, mulher mágica, se esvazie. Choque você mesma com novas formas de perceber o mundo [...]” (ANZALDÚA, 2000, p. 235). A voz é um tópico sensível para mim. Muitas vezes experiencio a timidez e já sofri muito por não querer ser assim – sofrimento mudo. Atualmente, não rejeito mais a timidez. Meu processo agora é: me acolher e ser eu mesma. A partir da compreensão de luz e sombra, se existe a vergonha (experimentada nos momentos de timidez),

também existe a desinibição. Logo, eu posso ser calada e ter voz. Eu posso ser tímida e me expressar com a minha voz nesta *performance!*

Encher os pulmões de ar, abrir a boca e expulsar o som é para mim uma novidade recente. Uma novidade para o meu corpo, para as minhas cordas vocais, e sinto que o som expelido vibra internamente um choro, um choro emocionado pela vitória conquistada.

Minha primeira experiência com dança e voz foi em uma apresentação cênica para a disciplina de Antropologia do Corpo, na faculdade. Recebi uma resposta positiva dos professores e dos colegas, o que me incentivou a acreditar que poderia continuar nesse caminho expressivo.

Foi também significativa para mim uma vivência de reconexão com o feminino realizada com um grupo de mulheres. Em dado momento, todas nós fomos chamadas a movimentar o corpo e soltar nossa voz. Lembro-me de uma frase que foi dita pela psicóloga que conduzia a vivência: “Mulher que não geme, não pari.”. Nesse dia não me senti livre para entoar minha voz, mas ficou gravada em mim a ligação entre o meu poder feminino e a expressão da minha voz, a expressão integral do meu corpo e a expressão de tudo que desejo ser!

A frase “Mulher que não geme, não pari” tem uma representação simbólica muito condizente com a expressão artística. Se eu não me expressar, se eu não caminhar com amorosidade e perseverança em direção a minha liberdade corporal, é impossível parir criativamente esta *performance*.

Algum tempo após essa vivência gravei a videodança *Em ebulição*<sup>9</sup>, em que danço, exploro o som das vogais e termino correndo e gritando em direção à câmera. Esse trabalho foi bastante forte e desafiador para mim. Foi soltar um grito que nunca havia saído. Ademais, percebi que a voz funciona para mim como um recurso muito potente para sentir-me presente no momento. Por isso, no início desta pesquisa essa videodança carregou o significado de: “se eu dei conta fazer isso, dou conta de decidir experienciar dança e voz no meu TCC”.

---

<sup>9</sup> Link da videodança *Em ebulição*: <<https://www.youtube.com/watch?v=GO8Clmy7oFw>>.

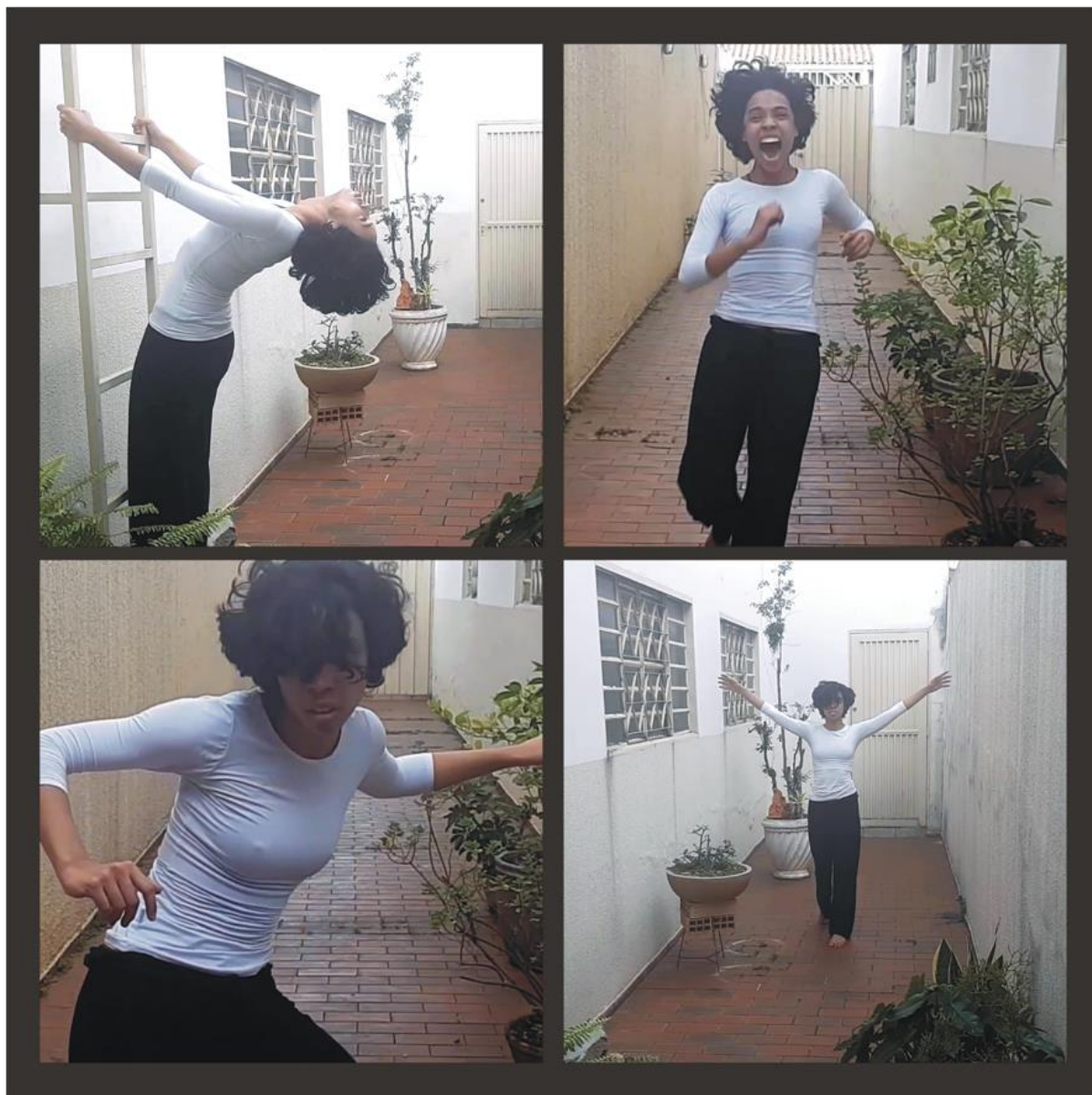


Figura 7: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Montagem com frames da videodança *Em ebulição*, 2020

Outro elemento que planejava incluir na pesquisa era o estudo da luz cênica, afinal, imaginava a minha *performance* para ser apresentada presencialmente, em espaço fechado e escuro. Ademais, o termo sombra, além de poder designar uma polaridade da psique, é também um fenômeno físico. Assim, existem três tipos de sombra: sombra própria, que é a sombra formada pelo próprio corpo sobre si mesmo por efeito de incidência de luz sobre ele. A sombra projetada, em que, quando em contato com a luz, o corpo forma uma sombra que é projetada posteriormente num plano, por exemplo, o chão. Por último, a sombra projetada oblíqua, que é quando a sombra projetada ocupa também outro plano, por exemplo, está projetada no chão e

uma parte da sombra sobe na parede. Desejava fazer esse estudo utilizando os refletores disponíveis na faculdade. Dessa forma, idealizava propor cenicamente a sombra da personalidade e a sombra no espaço físico.

Por fim, nos meus estudos também havia a vontade de investigar o amor relacionado com a teoria de luz e sombra. Durante a quarentena da pandemia, entendi que queria ser mais feliz no meu relacionamento com as pessoas, o que por reflexo significava ser mais feliz no relacionamento comigo mesma. Sentia-me isolada e o isolamento da pandemia intensificou esse sentimento. Desejava me conectar, queria compartilhar sentimentos e por mais que na época parecesse que isso não era para mim, eu queria amar! “[...] o amor é uma força que produz amor; impotência é a incapacidade de produzir amor” (FROMM, 1990, p. 36-37). Portanto, esta investigação, este memorial, esta criação, é uma história de amor.

Fazendo arte com maldade, vivem e criam como animais acuados, que perseguidos, vendo-se no limite de suas forças, ao verem-se em uma situação-limite, extraem de seu pavor a coragem camicase, de que precisam, para enfrentar os demônios que os perseguem. Pertencem a essa grei os que fazem arte encorajados, não por sua esperança, mas por seu desespero. Criam com a coragem dos ratos acuados. (FELÍCIO, 2002, p. 25).

Certamente, se de um lado existia o desejo ainda tímido de fazer nascer em mim o amor, do outro existia o medo de me conhecer, morrer e renascer para poder dar luz a experiências novas na minha vida. Então, assumir como adubo criativo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (uma etapa importante da graduação) a recém-descoberta da minha luz e sombra era como dizer para mim mesma: “Eu vou me amar! Vai acontecer!”. Logo, não é difícil imaginar que, no início desta pesquisa, eu estava apavorada, morrendo de medo, fugindo de todas as formas, cagando nas calças! E uma boa jornada não tinha como começar de outro jeito!

### **É para escrever sobre o quê mesmo?**

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*Cara SALLES,*

*Estou lendo o seu livro, “Gesto Inacabado: Processo de Criação Artística”. O tópico, “Documentos de Processo” me chamou a atenção... “Os documentos de processo*

são, portanto, registros materiais do processo criador. São retratos temporais de uma gênese que age como índices do percurso criativo.” (SALLES, 1998, p. 17). Estou em processo criativo e fiquei imaginando... Como será que vou me documentar? Que rastros vou deixar ao longo da estrada? Interesse-me muito por psicologia, então, naturalmente fico imaginando... O que os meus documentos de processo dizem sobre mim?

Atenciosamente,

Laura.

Antes de continuar a sequência temporal do meu processo criativo, quero apresentar as formas que escolhi para registrar o percurso. A maior parte está em vídeo, os quais subi para uma *playlist* não listada, *Experimentações Práticas – TCC: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação*<sup>10</sup>, no meu canal no YouTube, *Laura Carvalho de Moraes Dança e Movimento*<sup>11</sup>. Nessa *playlist* escrevo observações na descrição de cada publicação com reflexões sobre o que experimentei e ideias que suscitaram ao me assistir. Além do registro das explorações corporais, também me gravei logo após as práticas falando o que havia sentido, pensado e movimentado corporalmente.

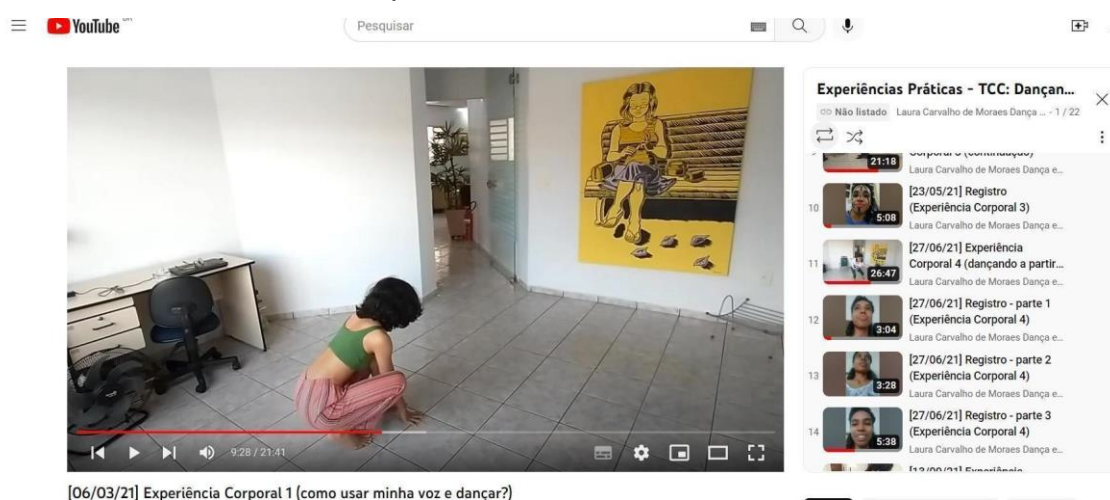


Figura 8: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Print da *playlist Experimentações Práticas – TCC: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação*, 2023.

<sup>10</sup> [Link da playlist no YouTube](https://www.youtube.com/playlist?list=PL0JiOfM9fhHSW9NUel41gICvGqg8Ch5T)

<sup>11</sup> [Link do canal no YouTube](https://www.youtube.com/channel/UCUg0hrWzqE9F0JEctUsmzxQ)



deu segurança de que poderia ser do meu jeito. Quando olho para a minha forma de registro vejo uma bagunça que tentei organizar, que deixei solta por aí em mais de um lugar, como vários lugares em que tenho que voltar para tentar reconstruir o que aconteceu.

Até os registros trazem a identidade do artista. Ao me ver através dos meus documentos de processo, enxergo um desleixo, um esparramamento, um gosto por uma desordem e a minha mente cheia e confusa formando pontes entre tudo que me acontece. Ao lado disso, enxergo uma tentativa de cuidado para organizar, para formar uma contenção e fazer um mapeamento. Existe a sensação de “está espalhado, mas eu sei onde está”, “na minha bagunça eu me acho”. Um conforto na bagunça, como deitar em roupas espalhadas pelo quarto, que guardam o meu cheiro. Bagunça que pode ser uma leve transgressão à organização e que sussurra o caminho que sempre percorro até o caos.



Figura 10: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frames de vídeo sem título, 2021.

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*SALLES! Agora eu entendi!*

*Você explica: “Uma visão simplificadora do gesto criador mostra um percurso que tem sua origem em um insight arrebatador que se concretiza ao longo do percurso criativo.” (SALLES, 1998, p. 20). Antes de começar a escrever, não percebia tão claramente a não-linearidade do processo criativo. Até agora, acreditava que poderia reduzir a pesquisa do meu trajeto a uma simples descrição de fatos dispostos em uma linha reta do tempo. A minha professora da faculdade já havia destacado que a escrita do memorial e a performance prática não são processos separados na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Meu pai também já me disse várias vezes que escrever, mesmo que eu não seja artisticamente uma escritora, é igualmente uma criação... Agora eu entendo, pois constato na minha própria experiência o quão desgostosa é a ideia de limitar a criação artística ao que é lógico e compreensível e descartar o caos, as inconstâncias e os rompantes!*

*Além disso, você escreve: “O movimento do olhar nasce no estabelecimento de nexos entre os vestígios. O interesse não está em cada forma, mas na transformação de uma forma em outra.” (SALLES, 1998, p. 19). É isso! Não quero escrever sobre as formas, quero escrever sobre a transformação entre elas!*

*Atenciosamente,*

*Laura.*

Tentei me compartimentar em caixas, como se fizesse sentido as formas de registro separadas do processo criativo. No entanto, as formas de registro também são o processo. Tudo foi experimentado enquanto andava. A escrita pode ser uma forma de ordenar e simplificar o entendimento do que ocorreu, entretanto, quando se trata de relatar uma experiência, isso se torna mais complexo. A experiência foi. É efêmera. O que vale falar de uma experiência? Sinto até uma nostalgia. Nostalgia da Laura que iniciou esse processo e que não é mais a mesma que irá concluí-lo.

Dane-se! Tomei uma decisão. Quero falar de sentimentos e conflitos. Vou empanturrar a minha nostalgia. Vou voltar aos meus registros e permitir que essa

escrita seja repleta das minhas gargalhadas e ansiedades ao me assistir, ao lembrar de mim e ao reler o que escrevi. Segundo Salles, “A crítica genética utiliza-se do percurso da criação para desmontá-la e, em seguida, colocá-la em ação novamente.” (SALLES, 1998, p. 13). Preciso relembrar como foi o início para poder chegar ao fim. Afinal, para que os registros se não for para voltar neles? Não fiz isso até o momento e a hora é agora.

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*Caro BONDÍA,*

*Estou criando uma performance e um memorial. Algo como duas gravidezes ao mesmo tempo. No seu artigo, “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, de 2002, você escreve que o saber da experiência tem a ver com a própria finitude do ser humano e, por isso, é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal. Além disso, explica que o saber da experiência não se trata de verdades, mas sobre o sentido ou sem-sentido que conferimos ao que nos acontece. Esse pensamento passa-me muita tranquilidade. Chama-me para a minha finitude. Poderia falar muitas coisas sobre o meu processo criativo e mesmo assim não esgotaria o assunto e nem traria uma “verdade” sobre a experiência. Sendo assim, de tudo que imagino que poderia discursar, o que mais me interessa escrever sobre? Justamente o significado de toda essa jornada para mim. Assim, acredito que o melhor e mais precioso que posso compartilhar na pesquisa que estou escrevendo é o meu saber da experiência enquanto artista imersa no processo.*

*Atenciosamente,*

*Laura.*

Anteriormente, tinha a intenção de descrever as minhas ações em cada ensaio: “Experimentação corporal “x”, do dia “y”: testei “z”. De “z”, “s” deu certo e “w” não funcionou como esperava”. Um relato totalmente sem emoção, uma simples descrição de fatos, e querendo eu que tudo fique muito bem explicado. Pois bem, está tudo gravado. Pode ficar horas e horas do seu tempo leitor, me assistindo e talvez se

divertindo e se perdendo comigo nessa criação. Assim como meu percurso criativo, a sua experiência apreendendo esta pesquisa também será esparramada, entre uma escrita organizada e formatada, escritas despreocupadas, breves comentários, descrições e ideias soltas, links, sonoridades, imagens e vídeos.

Antes de seguir para a epifania sentimental e reflexiva, quero contextualizar um último item. Usei dois espaços para as experimentações corporais, duas salas na clínica de psicologia da minha mãe. A sala que mais utilizo, por ser mais ampla, é um espaço vago na clínica com alguns móveis, como uma mesa e uma cadeira. A outra sala foi feita para os meus ensaios de dança e, por isso, tem um espelho, barra de balé e alguns colchonetes. Ambas as salas aparecem nos vídeos de registro.

Além desses espaços, preciso falar do meu quarto. Como já mencionei, passo muito tempo nele. Inclusive, escrevo estas páginas na mesa ao lado da minha cama. É engraçado, mas não me sinto segura para escrever esta pesquisa, que para mim é tão íntima, em outro lugar que não seja aqui. Considero meu quarto um lugar de criação. Afinal, mais do que em qualquer outro espaço, é onde imagino, fantasio e gasto os meus neurônios para decifrar a linguagem dos meus desejos e levar luz às minhas sombras. Descubro meu corpo, minha expressividade, sinto as sensações e depois levo para fora. É o meu lugar-vórtice-criativo.



Figura 11: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes, Arquivo pessoal, 2021.

Esses três espaços são onde, concretamente, acontece a minha criação. Os imagino como úteros externos, onde me esforço para gerar a minha performance corporal e escrita. São lugares seguros onde, na maioria das vezes, estou sozinha. Entretanto, nem por isso a criação deslança mais facilmente. Todo útero tem que querer parir e toda criança tem que querer nascer. Então, como externalizar algo tão internalizado?...

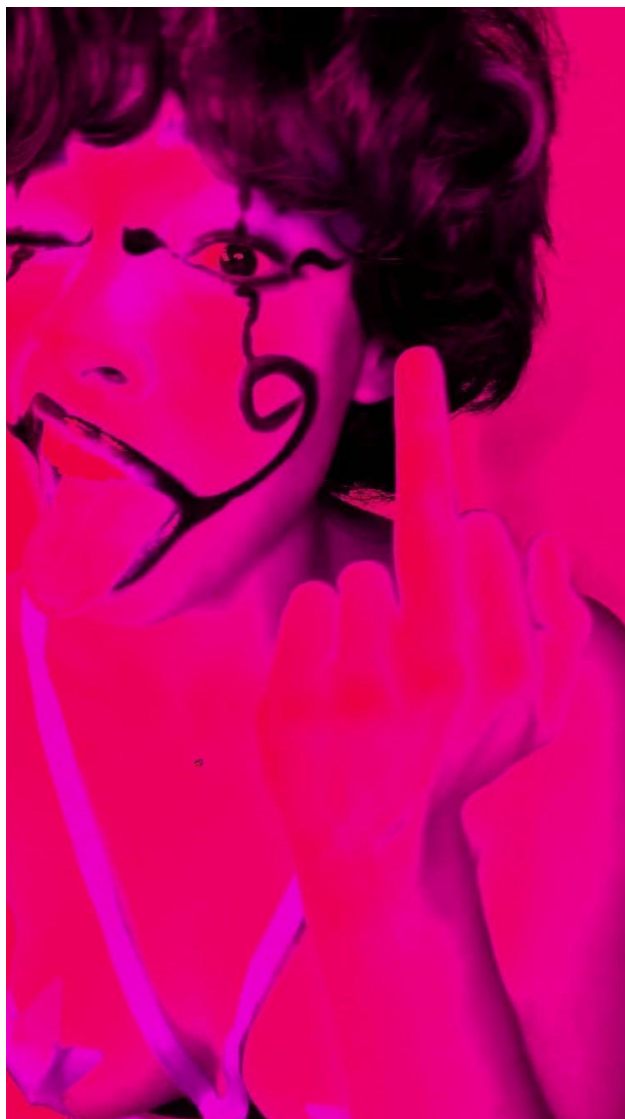
**CADERNO 2: FUDEU GOSTOSO!**

Figura 12: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes, Arquivo pessoal, 2022.

*Ooh ooooh, Ooh ooooh  
Ooh ooooh, Ooh ooooh  
Fudeu, fudeu, fudeu, fudeu  
Ai caralho que porra é essa?  
Fudeu, fudeu  
Ai caralho que porra é essa?  
Fudeu  
O bonde chegou*

O bonde chegou  
 O bonde chegou  
 Embrazado pra caralho, doido pá fazê amor  
 Caralho, vai!

*Mc Novinho da Praça. Os cachorrão chegou. 2015 (3:23)*

Inspirada no Mc Novinho da Praça, venho dar notícias do futuro de que tudo fudeu! Mas fudeu gostoso porque agora tá muito melhor!

Então, esse começo do processo criativo foi a parte da sofrência, necessária em toda a história. Vou trazer fatos do futuro e do passado para entendermos melhor esse momento de transição (bora brincar com as temporalidades? Isso tá me deixando maluca já).

Nesse trânsito entre presencial e virtual, retomando o projeto inicial da *performance* presencial e o resultado final dos vídeos para o *instagram*<sup>13</sup> percebo que a minha “presença” na *performance* permaneceu tão virtual quanto os vídeos editados. No fim, o que pareceu serem dois projetos diferentes, talvez tenham sido um só desde o início. (MORAES, 2023, p. 67).

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*SALLES! Agora eu entendi!*

*Você explica: “Uma visão simplificadora do gesto criador mostra um percurso que tem sua origem em um insight arrebatador que se concretiza ao longo do percurso criativo.” (SALLES, 1998, p. 20). Antes de começar a escrever, não percebia tão claramente a não-linearidade do processo criativo. Até agora, acreditava que poderia reduzir a pesquisa do meu trajeto à uma simples descrição de fatos dispostos em uma linha reta do tempo (...) Agora eu entendo, pois constato na minha própria experiência o quão desgostosa é a ideia de limitar a criação artística ao que é lógico e compreensível e descartar o caos, as inconstâncias e os rompantes!*

*Além disso, você escreve: “O movimento do olhar nasce no estabelecimento de nexos entre os vestígios. O interesse não está em cada forma, mas na transformação de uma forma em outra.” (SALLES, 1998, p.19.). É isso! Não quero escrever sobre as formas, quero escrever sobre a transformação entre elas!*

---

<sup>13</sup> *Spoiler* do futuro da pesquisa

*Atenciosamente,  
Laura.” (MORAES, 2023, p. 33-34)*

Galera é o seguinte: Essa porra é um diário. Agora eu entendi! Meu memorial descritivo é um diário!!!!!!!!!!!!!! Sabe quando você escreve num diário que gosta muito de alguém sem saber que dali alguns meses vai escrever que gosta muito de outra pessoa? Pois é, é disso que estou falando. Um crush não invalida o outro, logo não faz sentido voltar no seu próprio diário e editar as páginas. O que faz sentido é seguir em frente.

Bom, sem estresse, tudo mudou. O processo criativo é assim. Uma outra ideia começou a nascer debaixo da terra e quando vi estava grande, forte e florida! Ou vai ver é tudo uma grande ilusão e nunca foram dois projetos, mas um só desde o início. Imagine a seguinte árvore: ela começou a nascer com um pouco de dificuldade, apresentando um crescimento mais lento. Durante um tempo a árvore parou de crescer e você achou que ela fosse morrer ou simplesmente voltar a se desenvolver depois de um tempo, como antes. Mas não! Surpresa! Ela voltou a crescer mais rápido e de um jeito muito diferente do anterior! O que era reto passou a ser curvo e o que era curvo passou a ser reto. Porém, o principal é que o crescimento anterior nutriu tudo que aconteceu depois.

Por isso, opto por não reescrever os capítulos anteriores deste diário/memorial. Assim, não retirando o desejo presente na escrita de que a performance presencial fosse o resultado artístico final desta pesquisa. Fiz isso por respeito à trajetória dessa árvore. Ela quis nascer assim, então, que assim seja! Isto posto, alguns elementos da performance se mantêm no próximo estágio, sofrendo ressignificações, outros elementos novos surgem e alguns ficam pelo caminho e não aparecem de novo ou, pelo menos, não retornam visivelmente.

Por fim, essa árvore pode nos surpreender novamente, parar de crescer de repente e começar a brotar de novo de formas muito inesperadas! Ficou curioso? O que será que aconteceu? Para onde esta pesquisa foi? Continue lendo amore, prometo que estou fazendo o meu melhor para passar a veracidade da vivência deste processo criativo. Então, se você se sentir perdido não se preocupe, eu me senti exatamente assim! Só que um pouco pior e mais pressionada, já que o encerramento

de uma etapa da minha vida acadêmica dependia disso (sem pressão ha ha ha hahahaha).

Sugestão para recuperar o fio da meada: assistir ao vídeo *Apresentação NTP II*<sup>14</sup>. Nele trago, por meio de uma compilação de imagens, registros virtuais da elaboração da performance presencial e dos vídeos, que se tornaram depois o resultado artístico desta pesquisa. NTP II é a disciplina de Núcleo Temático de Pesquisa II, na qual acontece a defesa do TCC. Realizei essa disciplina duas vezes, a primeira em 2021, mas não realizei a defesa, e a segunda em 2022, finalizando em 2023.

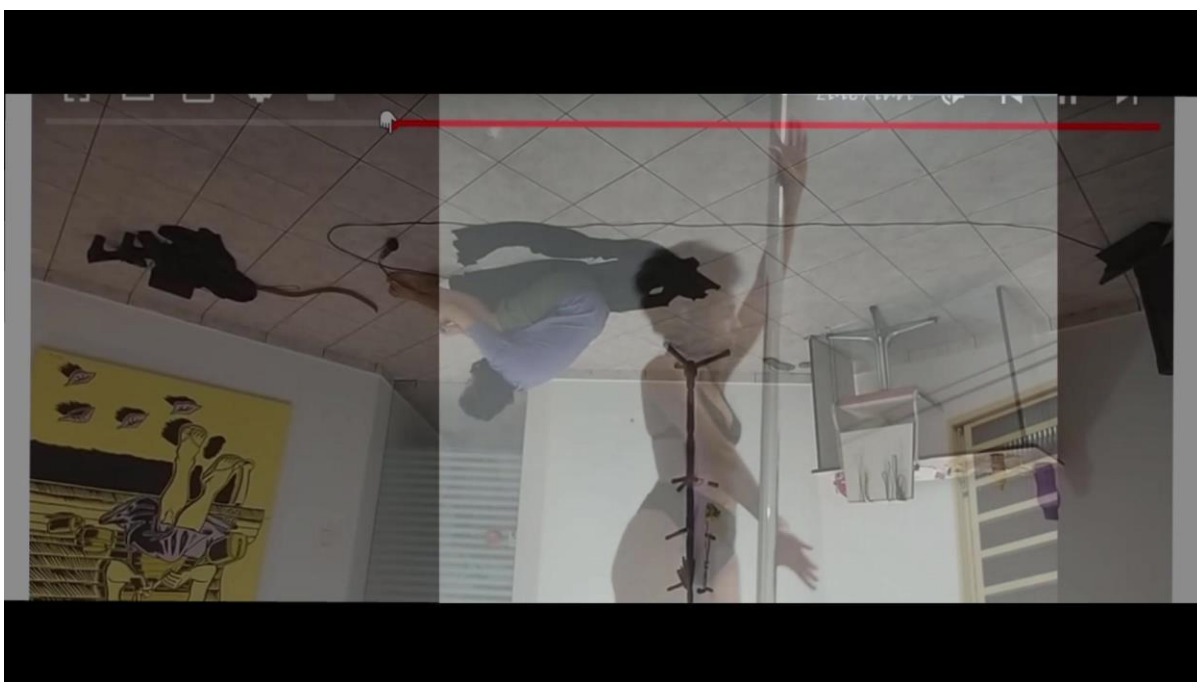


Figura 13: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame do vídeo: *Apresentação NTP II*, 2022.

14

*Link* do vídeo “Apresentação NTP II”  
[https://drive.google.com/file/d/1Mv8v7xuy8UJZKm4EYUqj2BP5wN6WVGGf/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1Mv8v7xuy8UJZKm4EYUqj2BP5wN6WVGGf/view?usp=share_link)

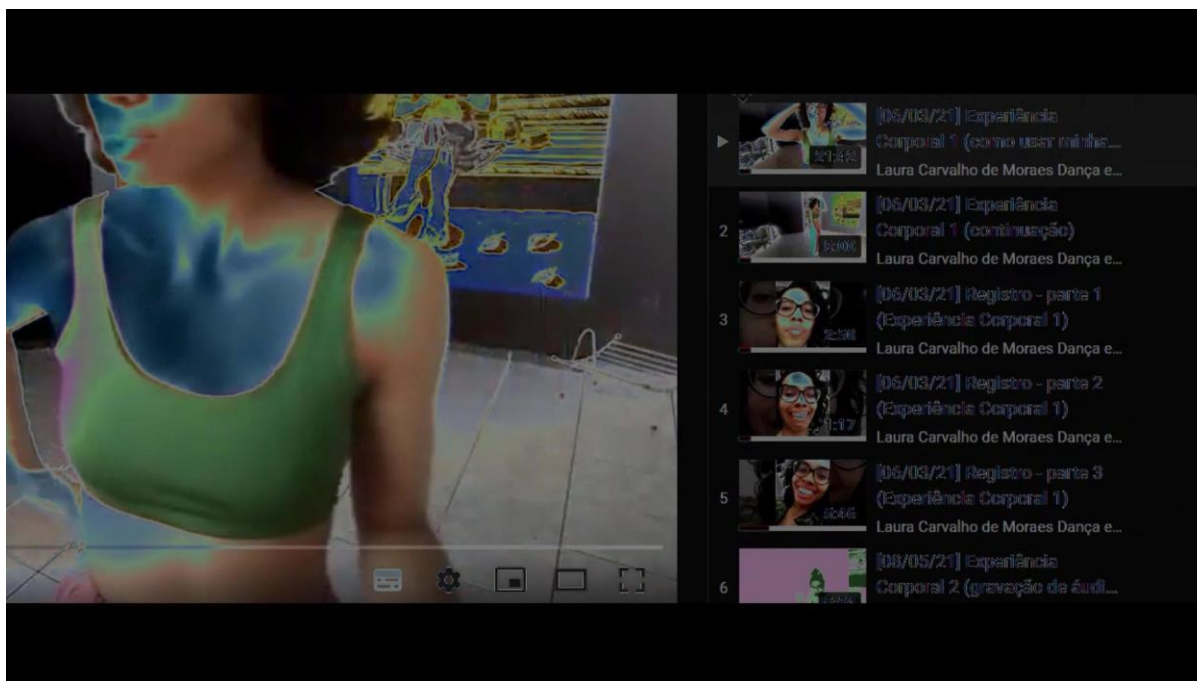


Figura 14: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame do vídeo: *Apresentação NTP II*, 2022

Ademais, sinto necessidade de contar mais sobre a playlist com explorações relativas ao que seria a performance presencial, *Experimentações Práticas – TCC: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação*. Essa playlist conta com 31 vídeos, sendo o primeiro de 06 de março de 2021 e o último 19/06/22. Esses vídeos trazem experiências de criação que elenquei nos títulos: experiência corporal 1 (como usar minha voz e dançar?); experiência corporal 2 (gravação de áudio 1) e (gravação de áudio 2); experiência corporal 3 (dançando a partir de figurino, maquiagem e falar no microfone); experiência corporal 4 (dançando a partir de desenho); experiência corporal 5 (como criar uma coreografia?); experiência corporal 6 (improviso e imagens de movimento); experiência corporal 7 (coreografia); experiência corporal 8 (coreografia mais improviso); experiência corporal 9 (coreografia mais improviso)<sup>15</sup>, experiência corporal 10 (dançando a partir de palavras); experiência corporal 11 (performance) e encerro a playlist com um registro de retorno após uma pausa. Nesses títulos trago os elementos que trabalhei como dispositivos para tentar chegar na expressão corporal que almejava.

<sup>15</sup> Apesar das experiências corporais 8 e 9 terem o mesmo nome (coreografia mais improviso), ainda nomeio como experiências distintas, pois aconteceram em datas diferentes.



Figura 15: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Desenho utilizado na experiência corporal 4, 2021

[04/06/22]

Inferno, Puta Raiva Ridículo,  
 Filha da Puta, Poronha,  
 Burra, Ruim, Não Presta,  
 Mado, Sem talentos, Sua  
 ra, Adão, Desgraçada,  
 Suficiente, Desprezível, Humi-  
 lhoso, Bate, Sargento, Suficien-  
 to, Mente, Fome, Tempo,  
 Do, Loui, Cubo, Dimensão,  
 Quão, Fundo, Raiz,  
 Desgraçada, Maldição

Figura 16: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Texto utilizado para formar as palavras da experiência corporal 10, 2022

NOOPU AIVADI' ITARAN  
 BUUIM ~~AO~~ AO ESTADAEIM  
 LENKEIHO ÓORDES SOMIS  
 LIHAGÑOTE GEFRIONST  
 MEENP ILARO AUNPO  
 RAGRA ALDIÇÃO

Figura 17: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Palavras utilizadas na experiência corporal 10, 2022.

É culpa delas? Por que  
 vêm até aqui? Por que  
 não me fazem brilhar  
 também, junto?

---

Tudo bem, eu irei fazer  
 guerra então. Eu conheço  
 alguém, alguém que vai  
 me ajudar, alguém que  
 me entende, alguém que  
 veio da mesma raiz que  
 eu.

Figura 18: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Trecho de texto utilizado na experiência corporal 11, 2022





Figura 20: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Conteúdo do envelope citado no registro de retorno, 2022

A maioria dos vídeos de cada experiência corporal são seguidos por registros em que falo para câmera, logo em seguida a ação, sobre como foi corporalmente a vivência e o que havia me despertado em relação à construção da performance. Além disso, há espaços de tempo entre uma experiência e outra; alguns ensaios foram muito fortes, despertando emoções de dor, e em outros alcancei movimentações que me agradaram. Nos registros e anotações chego a usar expressões como “fracasso” e “completo sucesso” para descrever algumas das experiências vivenciadas, mostrando que parte do percurso criativo pode ser realmente desagradável e doloroso, provocando medo e desnorteamento, assim como, em seguida, o próximo dia de experiência corporal pode ser deslumbrante, despertando impressões boas e confiança em relação à conclusão da obra.

Percebo que nesse primeiro momento do processo estava na fase de lidar com a dor da autobiografia. Quando cheguei em um lugar de maior elaboração, consegui produzir algo que se iniciou e chegou ao fim (que será apresentado no caderno seguinte). Falei disso no registro do dia 08 de janeiro de 2022, no minuto 06:14. Eu falo: “consigo expressar esse conteúdo que é de sofrimento mesmo, de uma força

presa, de uma fera enjaulada, mas sem me sentir triste, não sei como falar muito bem, sem me envolver com a emoção? Entendo que isso é provavelmente porque essa emoção de fato já foi elaborada, eu sei que não estou mais nesse lugar, acho que consigo expressar, saber ao que se remete para mim, mas sabendo que já estou num lugar melhor. Ai que bom né?! Acho que é isso aí que artista tem que fazer, quando machuca muito. Tchau!”. Isso foi uma conquista para mim no processo. Sem elaborar essa emoção a partir do meu corpo, acredito que não teria dado conta de concluir o projeto.

Outrossim, revendo esses vídeos, remeto-me à Salles, “Aceitar a intervenção do imprevisto implica compreender que o artista poderia ter feito aquela obra de modo diferente daquele que fez. [...] – admite-se que outras obras teriam sido possíveis.” (SALLES, 1998, p. 34). Sou daquelas que acredita que “tudo é do jeito que deveria ser”. Todavia, é interessante para mim como artista rever os meus documentos de processo e perceber quantas obras em potencial existem no percurso e que, eventualmente, o caminho de uma obra é todo construído sobre possíveis obras, talvez um cemitério de obras, um cemitério de almas de obras que podem, posteriormente, serem ressuscitadas em uma nova vida! Faz-me pensar também no processo de fecundação. Costuma-se brincar que o primeiro espermatozoide que chega ao óvulo já o fecunda, mas, na verdade, não. Os espermatozoides vão um após o outro perfurando a parede do óvulo e morrendo no processo. Até que um espermatozoide, após o esforço dos outros, chega ao núcleo do óvulo e ocorre a fecundação para gerar um novo ser.

É tão lindo isso! Pego-me a refletir “doeu, mas valeu a pena”, “não sabia para onde estava indo, mas valeu a pena”, “fiquei com medo, raiva e tristeza, mas valeu a pena”. Bem clichê, eu sei, mas é verdade. Nada do que vem a seguir seria possível sem o que veio antes. Sinto essa playlist, essa etapa do processo, não só como a “parte da sofrência necessária em toda história”, como a minha personalidade em *itálico* brincou anteriormente. Porém, também como as raízes profundas que ninguém vê, a sombra desse processo criativo, a parte que não foi à luz, mas sem a qual nada teria chegado à vida, não teria força para nascer. Eu sei que talvez sejam umas 2h, ou um pouco mais de tempo, somando todos os vídeos, mas se posso lhe sugerir algo, leitor, vai lá dá uma olhadinha. Mais bonitinho que o vídeo pronto no Instagram (já estou entrando no tópico seguinte), talvez sejam os momentos de suor.

Por fim, novamente Salles contribui com meu pensamento, “Gestos construtores que, para sua eficácia, são, paradoxalmente, aliados a gestos destruidores: constrói-se à custa de destruições.” (1998, p. 27). Então, vamos de **DESTRUIÇÃO!**

### CADERNO 3: TOPZINHO E HOT PANTS ENFIADA NA BUNDA

**Nota:** não queria entregar o jogo logo de cara, mas não vai ter jeito. Como já dei o spoiler, transicionei da performance presencial para a produção de vídeos e fotos de dança para o meu instagram @peraly\_dancer<sup>16</sup>. Inclusive, me segue lá!

Coisas que você precisa saber leitora:

O porquê do nome do Instagram – estava assistindo vídeos de tarot; umas das tarólogas que eu assistia usava um baralho dos animais e uma das cartas era a ostra. Essa carta me chamava atenção porque falava de timidez e da pérola que estava escondida dentro. Assim, adotei a simbologia da pérola para o nome do meu perfil, pois essa é uma joia que se forma para resolver uma irritação sofrida pela ostra. A princípio, queria o nome em português: dançarina perolada. No entanto, no user da rede social não podia usar o “ç”, logo ficaria dançarina perolada. Não gostei muito da estética e, por isso, adotei o nome em inglês e virou pearly dancer.

O nome das coreografias – ao longo deste caderno falo das coreografias que criei. Sem muita premeditação, passei a identificá-las para mim mesma em associação com o nome da música<sup>17</sup> de cada dança (com exceção de Lov u, que passei a chamar assim por causa da letra da música). Então os nomes são: Lov u, Fire, Alone with you, Never, Wasted times e Mezzanine.

Tudo certo, pode seguir viagem!

Hummm hmm hmm estou com mal-estar. Olá, quero falar com você. O desapego dói e incomoda. Porém, incomoda mais ainda continuar sofrendo. Eu não quero mais! Eu

<sup>16</sup> Link do meu instagram [https://www.instagram.com/pearly\\_dancer/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/pearly_dancer/?hl=pt-br)

<sup>17</sup> Músicas das coreografias

<https://www.youtube.com/watch?v=IVDvetAxbil>

<https://www.youtube.com/watch?v=HiBxdACoXYY>

<https://www.youtube.com/watch?v=htxDCKpXpWU>

<https://www.youtube.com/watch?v=SLPU9eM7rWs>

[https://www.youtube.com/watch?v=R0rKB\\_bsUNg](https://www.youtube.com/watch?v=R0rKB_bsUNg)

<https://www.youtube.com/watch?v=bcsjz0HXGYk>

*não quero mais essa distância! Eu não quero mais esse amor não correspondido! Pode ir embora. Vai.*

*Vinha caminhando num fluxo “x” aí mudei. “Laura, por que você mudou?” Porque estava chato, difícil e não estava se materializando. Porque, porra! Eu já tinha andado pra frente, já estava afim de falar de um novo desconhecido! Iruuuu Pérola Preciosa, Gostosa e Feliz!*

*Então, tornei-me uma pérola autodeclarada. Queria gravar vídeos de mim, queria me ver e queria mostrar para as pessoas. No início, não era pretensioso, depois, fiquei mais ambiciosa... Tá bom, tá bom eu tenho que admitir. Eu quis postar no Instagram porque era para a crush ver. Aaaaaaaa, mas eu mudei, eu juro! Estou aprendendo. A minha sexualidade não pertence a ninguém além de mim, muito menos a alguém que não me dá o mínimo de atenção! A minha sexualidade é para o meu próprio desenvolvimento e reconhecimento. Porque agora, graças a mim, graças ao meu corpo e graças ao fato de eu me enxergar, estou me apropriando da minha sombra. Eu sou sensual! Eu sou expressiva! Eu sou criativa! E eu tenho o direito e o poder de trazer isso à luz na minha vida! Não estou pronta e acabada e nem nunca estarei. Esse é só o começo! Mal posso esperar por tudo que ainda quero e vou materializar nessa vida!*

*Ok, criar tem suas dificuldades, mas caara eu tô apaixonada! Não consigo parar de olhar para mim mesma. É tão intenso! Meu Deus, como eu sou linda! Olha essa foto, essa pose, esse movimento, esse corpo, essa intenção! Eu amei, eu amei, eu amei! Essa sou eu! Eu começo a editar os vídeos e é até difícil largar o computador. Eu não quero parar.*

*“Eu não sei parar de te olhar  
Eu não sei parar de te olhar  
Não vou parar de te olhar  
Eu não me canso de olhar  
Não sei parar”*

*Ana Carolina, Seu Jorge. É isso aí. 2005 (5:21)*

*É muito bom! Eu termino os vídeos e fico no repeat, repeat, repeat...*

*I, I love you like a love song, baby*

*I, I love you like a love song, baby*

*I, I love you like a love song, baby*

*And I keep hitting repeat-peat-peat-peat-peat-peat (oh)*

*Selena Gomez, Love you like a love song. 2011 (3:41)*

*Não sei se já falei antes, mas a minha casa 8 é em Leão<sup>18</sup>. Então, sim, eu vou me autoelogiar pra caramba.*

Comecei a fazer aulas de *pole dance* no final de fevereiro de 2022. Era algo que já fantasiava há algum tempo, principalmente durante 2020 e 2021. Assim, após ter diminuído um pouco a tensão e necessidade do isolamento social, fui atrás de um estúdio para fazer aula. Quis aprender *pole dance* com a esperança de que: “Ai meu deus, aqui vou encontrar a minha sensualidade!” No começo continuei acreditando nisso, contudo, não muito tempo depois, entendi que: “É, pois é, não está aqui.” Percebi durante as aulas que continuava me sentindo insegura e com medo de me expressar.

Deixando isso um pouco de lado, uma coisa que me chamou muita atenção na escola de *pole* foram as roupas. Eu vinha de um contexto de dança contemporânea em que se vestem calças compridas folgadas e blusas largas com mangas. De repente, tudo mudou para *topzinho* e *hot pants* enfiada na bunda, ou seja, bem menos roupa do que estava acostumada. As roupas eram mais coloridas também, pois nas aulas de contemporâneo sempre usei roupas de cores escuras. Talvez a única coisa no *pole dance* que se mantinha do ambiente que conhecia era o uso de joelheiras.

Sem abordar muito toda a ansiedade que envolveu o processo de conseguir me encaixar nesse novo ambiente, descobrir o que eu gosto, o que eu não gosto, e experimentar as novas possibilidades de roupa, de movimentos de dança e de

---

<sup>18</sup> A casa 8 na astrologia é um setor no mapa astral que trata de temas como sombras, sexo, intimidade nos relacionamentos, dinheiro compartilhado e o inconsciente pessoal. Já o signo de Leão possui como uma das características do arquétipo a autoconfiança e autoestima bem desenvolvidas. Nos indivíduos essas características costumam se apresentar como desinibição em exaltar o próprio valor.

conteúdo expressivo me motivou a adquirir algumas coisas novas: comprei uma barra de *pole dance*, alguns *shortinhos*, *hot pants* e *tops* e uma bota para *pole dance* com salto de 17 cm. Para alguém que não tinha o costume de usar salto alto, foi algo bem impressionante e, diga-se de passagem, me adaptei super bem.



Figura 21: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Fotógrafa: Aldenora Carvalho, 2022

Em termos de movimentação é óbvio que todo o meu histórico de dança, inclusive no contemporâneo, me ajudou bastante a dançar *pole dance*. Visto que venho construindo no meu corpo meus próprios recursos de movimento, o que promoveu uma familiaridade, pois mesmo sendo um estilo de dança diferente para mim, continua sendo dança. Posso pontuar que o que achei mais distinto em relação à técnica é que o ponto de apoio deixou de ser apenas o chão e passou a ser também o *pole*. Assim, o *pole* é nosso parceiro de dança. Com “parceiro de dança” quero dizer

em relação ao *pole*, em que ocorre a distribuição de peso do meu corpo para realização dos movimentos.

A experiência de ter um *pole* em casa foi muito benéfica para mim, principalmente criativamente. Pois me deu a possibilidade de me tornar mais íntima desse parceiro em um ambiente bastante seguro e confortável, que foi a minha pequena sala de dança na clínica da minha mãe. Pude experimentar meus movimentos com mais desinibição e sem a preocupação em seguir uma coreografia de outra pessoa, no caso, a professora.



Figura 22: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Arquivo pessoal, 2022

Outro aspecto muito importante no estúdio de *pole dance* em que fiz aula, e que difere do ambiente de dança que estava acostumada, eram os elogios entre as mulheres: “Gostosa!”, “Perfeita!”, “Que rabão!”. Nesse ponto enxergo algumas questões que tangem o meu processo de investigação criativa nesta pesquisa, mas às quais não me proponho solucionar de forma objetiva nesse momento. Então, que tipos de corpos recebem o elogio de gostosa? Eu, por exemplo, sempre fui chamada de perfeita, mas não de gostosa. Até onde esse tratamento entre mulheres é realmente empoderador e até onde só reproduz os padrões vigentes? Mais precioso ainda para mim é pensar: O que é ser gostosa? O que é gostoso? O que é uma dança gostosa? Como é me sentir gostosa? O que faz as pessoas me acharem ou não gostosa? Esses elogios são sinceros? Ou tudo faz parte de uma “forção” e, inclusive, venda de aulas de *pole dance* como sinônimo de sensualidade?

Enfim, não é uma crítica diretamente à escola ou às mulheres com quem convivi, afinal, o empoderamento feminino em relação a sua sexualidade, tanto no nível pessoal quanto social, é estrutural e não se localiza numa escola de dança ou em uma técnica específica. Acredito que um ambiente de dança poderia, sim, trabalhar a sensualidade, não como um produto ou uma fórmula pronta, mas como algo extremamente único e presente em cada ser humano, precisando apenas ser *destampada* (usando a expressão da minha terapeuta que tem me ajudado imensamente no meu processo de autoconhecimento), para então poder ser apreciada e vivenciada na sua singularidade.

De todo modo, observei também processos de valorização da individualidade acontecendo na escola. Cada pessoa tinha naturalmente uma expressão única nas aulas de *pole dance*, tanto na forma de se produzir – roupa, maquiagem, sapato e acessórios –, quanto na maneira de dançar. Eu mesma fui sempre muito bem recebida com as minhas pinturas faciais e elogiada pela minha dança. Cada professora tem o seu estilo dentro do *pole dance* e era realmente diferente fazer aula com cada uma delas, havendo variação no estilo de música e escolha dos movimentos e intenção da coreografia. A professora com quem fiz mais aulas no estúdio expressava o quanto gostava de ver como cada aluna dança a sua maneira a coreografia ensinada por ela. Por fim, há em minha percepção um suporte bem grande entre todas que frequentam a escola de *pole dance*, em relação a valorizar o desenvolvimento de cada uma e se incentivarem mutuamente.

**Ser gostosa é ser feliz!**

Figura 23: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Arquivo pessoal, 2022

Por que estou buscando a minha sensualidade? Quero encontrar a minha expressão. Eu sei que dou conta de realizar os movimentos de dança com mais ou menos dificuldade, mas o que estou sentindo? Estou sentindo prazer? O meu medo transparece muito no meu rosto. O que fazer com a minha cara? Uma vez uma professora disse: “Laura, você tem que dançar com tesão!”. Ela me cobrou isso de uma maneira nada amorosa, inclusive não guardo muito carinho por ela; foi de fato

um pouco traumático e na época eu não poderia entender o que é isso, “dançar com tesão”.

Recentemente tive uma pista sobre o assunto: fiz um vídeo e postei no meu Instagram; nele danço vestindo algumas fantasias e figurinos antigos de dança<sup>19</sup>. Foi um presente para mim mesma no dia das crianças, pois, assim como o pole dance, foi algo que me imaginei muitas vezes fazendo – dançar usando fantasia (dá pra ver que costumo imaginar muitas situações por muito tempo, porém agora estou trabalhando para não só imaginar, mas realizar). Na minha fantasia danço na rua, entretanto, na minha realidade, consegui realizar isso na minha sala de dança. O fato é: ali eu estava feliz.

Assistindo várias vezes aquele vídeo enxerguei a minha alegria, isto é, a minha criança. Não sei se alguma vez você já escutou algo sobre “curar a sua criança interior”, é disso que estou falando. Para mim é um pouco complexo explicar conceitualmente o que é a nossa criança, porque, como trouxe em outro tópico, eu sou artista e não psicóloga. No entanto, digamos que se refere a energia em nós que tem entusiasmo e leveza de viver.

Aliás, isso é exatamente o que tem acontecido nos processos de edição dos vídeos: eu me enxergo. Eu me vejo. Eu trabalho sobre a minha própria imagem e então... Aha! Eu tenho que reconhecer, essa sou eu! Isso existe em mim! Eu sou sexy, bonita e feliz! É isso! Para mim ser gostosa é ser feliz! Depois desse vídeo de dia das crianças me enxerguei como gostosa e feliz! Após anos me reencontrei com o prazer de dançar.

Na sequência desse acontecimento, gravei o vídeo de *Fire*, que em comparação ao primeiro vídeo, *Lov u*, me senti dançando com mais alegria e menos medo. Na experiência de *Lov u*, em um momento da gravação fiquei improvisando movimentos. Nessa ocasião me senti mais solta e confiante no meu próprio corpo. Esse improviso inclusive faz parte da versão final do terceiro vídeo de *Lov u*.

Sobre a espontaneidade da energia da criança observo outra questão: ok, não é um estreia no Teatro Goiânia, mas o processo de gravar os vídeos tem em si sua pressão. Esse fator torna o momento mais importante, porém, também cria a preocupação de que não haja erros. Na minha organização tenho que planejar a luz,

---

19

*Link* do vídeo fantasiada  
[https://www.instagram.com/reel/CjoZhnvPRSC/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/reel/CjoZhnvPRSC/?utm_source=ig_web_copy_link)

arrumar as coisas no espaço, me arrumar, me maquiar, aquecer o corpo e posicionar o celular pra gravar e executar a coreografia.

Apesar das coreografias não terem um grau alto de dificuldade para mim, visto que optei por criar sequências confortáveis que não me exijam muito tecnicamente, ainda existem os detalhes da dança. Por exemplo, a distribuição de peso correta no apoio dos pés para não desequilibrar, a consciência de que a direção do movimento é para cima ou para baixo, saber como me alongar na movimentação e usar toda a minha mobilidade, e por aí vai.

Esse é outro fator: dificuldade do movimento. Quanto mais confortável estou na movimentação, me sinto mais confiante e, portanto, abre-se em mim mais espaço para a expressão fluir. Isso me lembra que, nas aulas de *pole dance*, observei que a pessoa com mais liberdade criativa era a professora, porque ela criava as próprias coreografias. Eu gosto de criar as minhas próprias coisas, tendo às vezes resistência em aceitar reproduzir a criação de outra pessoa. Assim, na ânsia de me expressar e descobrir a minha sensualidade, surgiu na minha fantasia a vontade de criar as minhas próprias coreografias. Antes mesmo de ter a minha barra de *pole*, que só comprei em abril de 2022.

As fantasias são interessantes, são como ideias que batem na minha porta. Elas vão e voltam mais de uma vez, algumas são apenas insistentes, outras são menos “educadas” e acabam por derrubar a porta e me desestabilizar com mais intensidade; esta, em específico, recordo de ter vindo me visitar com o seu toc toc algumas vezes. Numa dessas vezes aceitei o convite e abri a porta. *Fire* foi a primeira coreografia que fiz das que formam o conjunto do meu TCC. Eu gosto de todas as coreografias, mas essa tem o seu quê de paixão inocente em que não sabe aonde o caminho vai dar. Escuto muita música com fone de ouvido no meu quarto e um dia escutei essa, *Fire* da banda Two Feet.

Em suma, a princípio imaginava que o objetivo seria criar a coreografia, filmar sem muita produção e compartilhar no grupo de *Whatsapp* da escola de *pole dance*, mesmo não sendo uma coreografia de *pole* porque eu ainda não tinha a barra.

Novamente, mais um elo perdido. Não lembro mais como exatamente mudei de ideia, porque nunca cheguei a compartilhar essa coreografia no grupo de *Whatsapp*. Aliás, nesse período entre março e abril de 2022, nem cogitava que esse projeto de coreografias seria o meu TCC e, por isso, dei pouca importância para anotar alguma coisa.

A propósito, a parte de documentar o processo de criação foi uma questão. No início da pesquisa, quando a intenção era criar uma performance presencial, achava que tinha que documentar tudo em forma de vídeo, fala ou escrita. Todavia, isso sempre me incomodou um pouco. Gostava porque achava legal me assistir no vídeo, mas, ao mesmo tempo, achava chato. Então, me lembrei o que Salles escreve sobre os registros do artista: “Há, por parte do artista uma necessidade de reter alguns elementos, que podem ser possíveis concretizações da obra ou auxiliares dessa concretização.” (SALLES, 1998, p. 17).

Assim, nas etapas do processo, já em 2022, desencanei de achar que tinha que guardar tudo do processo e comecei a deixar mais solto, anotando apenas o que realmente considerava importante para seguir materializando o projeto. Esses registros foram vídeos de ensaios (alguns, não necessariamente todos), cronogramas, anotações na agenda, registros de iluminação, de ideia de fotos e de filmagem.

De todo modo, o que aconteceu foi que voltei-me para o Instagram. De novo, porque uma fantasia surgiu na minha cabeça... A fantasia foi: e se a crush ver? E se crush ver e gostar? E se a crush ver, gostar e curtir? E se ela ver, gostar, curtir e comentar? E se ela ver, gostar, curtir, comentar e vier falar comigo por dm? E se... Enfim, a paixonite move rios, montanhas e, querendo ou não, movimentou meu processo criativo.

*Ela viu? Não importa. Acho que quem queria mais ver era eu!*

### **Isso não é mais uma dança, é um vídeo!**

*Tem uma parte agressiva. Ele me irrita e se irrita. Aaaa eu odeio o TCC. EU NÃO QUERO! VAI À MERDA! TRANSGRIDE, TRANSGRIDE, TRANSGRIDEEEEE!!!!!! É um bicho meio encapetado. Poxa, realmente é difícil de apreender você. Eu sou você? Você sou eu? Existem coisas obscuras dentro de mim? Para onde estou indo? Me ajuda! Você me guia, estou vendo você. Talvez você só seja mau e perigoso, mas não significa que vai ser mau e perigoso comigo. Eu gosto disso. Talvez exista força em você. Talvez exista tesão. Ah! coisas muito difíceis de lidar, mas eu vou tentar, eu vou tentar...*

*Não acho que alguma vez você tenha saído inteiro. Merda? Eu grito, grito e você não sai. Tentei mascarar a minha face e vi só uma partezinha de você. Uma parte que já*

*achei sexy, mas ainda tem mais. No começo era muita dor e me rasgava por dentro. Era tanto choro e raiva. Agora é mais possível conviver com você.*

*Por que é importante falar de você assim, com esse destaque? Porque é sobre a sombra. Eu já disse, meu encontro é com a sombra. Esse TCC é sobre a sombra. É uma homenagem e sinto-me devota. A forma externa da criação de fato é só um detalhe. Esses vídeos... o que são esses vídeos? Nada, quase nada. Poderia ser qualquer coisa. O que está por trás das cortinas é esse bicho enorme, essa bruxa, esse sagrado que sonha com o profano. Acho que não tenho mais tanto medo desse filme de terror, por isso dou conta de tatear o que sou.*

Nas coreografias e nos vídeos trago figuras. São figuras, imagens, ideias e universos de mim. Na ideia da *performance* presencial também tratava dessas imagens. Em uma reunião com a Ana Reis, cheguei a usar a metáfora de um bolo de aniversário. Uma parte de mim era a cobertura, outra era a massa e as outras eram os recheios. Costumava nomear 4 recheios: o diabo, a mulher, a criança e a adolescente. No caso das coreografias para os vídeos, nomearia as figuras minhas que aparecem, como: a bruxa de coração partido, a adolescente apaixonada, o capeta sinuoso e a louca de pedra.

A loucura... Esse é um ponto interessante! Vamos lá, novamente: a minha persona, isto é, a forma como primeiro me apresento ao mundo, não é a de uma Laura sensual. Achei engraçado o comentário de algumas amigas que chamaram o fato de eu começar a dançar *pole dance* e os vídeos que tenho postado recentemente no *Instagram* de algo ousado ou inusitado. Segundo, o que elas conheciam de mim até então?. Eu mesma me acho louca. “Laura, meu deus do céu, você vai mesmo mostrar a bunda no *Instagram*?”, “O que as pessoas vão pensar disso!?”, “Vou mesmo compartilhar os meus gemidos!?” (Sim, tem um vídeo com gemidos! Discretos na minha opinião, mas são gemidos!)<sup>20</sup>

É isso! Triste, louca ou má<sup>21</sup>. As mulheres que vivem a sua sexualidade são loucas, são bruxas. Por isso, estou me sentindo anormal, porque é justamente fora da norma. *Mas era exatamente isso que eu queria! Queria jogar fogo no parquinho! Não*

<sup>20</sup> *Link* do vídeo com gemidos [https://www.instagram.com/reel/CIsMRhBM-Ke/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/reel/CIsMRhBM-Ke/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>21</sup> Referência à música “Triste, Louca ou Má”, do artista Francisco, el Hombre.

no parquinho dos outres, mas no meu próprio parquinho, que já estava muito enferrujado e já tinha esquecido seu brilho. Ninguém brincava mais ali. Eu não brincava mais com as minhas ideias, cores e loucuras. E está tudo bem. Não tenho que me levar tão a sério. Ontem expressava a minha sexualidade de uma forma, hoje de outra e amanhã de outra mais diferente ainda. É como minha psicóloga disse: “Eu tenho palavra, mas a minha palavra muda.”.



Figura 24: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Arquivo pessoal, 2022

Ademais, sobre a loucura, bem no início do meu processo de pesquisa, escrevi num papel que queria encarnar a louca da arte e, inclusive, chamei isso de plano de guerra. A professora da disciplina de Núcleo Temático em Pesquisa I me questionou sobre a relação entre loucura, artista e criatividade, me incentivando a refletir sobre o assunto.

Então, encontrei um livro curioso na estante da minha falecida avó, *Dionísio no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo*, do autor Rafael López-Pedraza.

“Muito tem se especulado sobre a loucura em relação à criatividade [...]. Na loucura dionisíaca, observam-se semelhanças com esse processo, embora não esteja presente a fantasia do mito de criação que culmina num mundo ordenado.” (LÓPEZ-PEDRAZA, 2002, p. 32). “No meu modo de ver, as iniciações dionisíacas ocorrem ao longo de toda a vida, a fim de proporcionar, constantemente, o movimento psíquico [...]. Em outras palavras, para dar uma resposta mais adequada a cada nova etapa da vida.” (LÓPEZ-PEDRAZA, 2002, p. 31).

Logo, quer saber? Eu sou LOUCA, louquinha, louquíssima permitindo me perder, andar tropeçando igual bêbada, embriagada pelas ideias na minha cabeça e vontades do meu corpo, com o objetivo de me achar para criar algo que nunca fiz antes e trazer inventividade! Quantos vezes assistimos produções artísticas que, sinceramente, parecem só mais do mesmo? Não estou dizendo que o que eu crio é totalmente novo e revolucionário para arte, mas é revolucionário para mim, dentro do meu contexto, movimentando-me para uma nova etapa da vida. Depois, quem sabe um dia crie algo que alguém considere importante para arte? (e olha que já tenho várias ideias). Eu não vou mentir, sou ambiciosa e sonhar não mata ninguém.

Certo, deixando um pouco o ego de artista de lado (quem sabe isso faça parte da loucura também), quero falar do par presencialidade-virtualidade. O teatro já está ultrapassado? O futuro são as novas tecnologias? A dança agora pertence ao vídeo? O corpo é virtual ou real? Eu sou real? Minhas ideias enquanto escrevo agora estão fluindo para uma máquina. Eu danço para um celular. A imagem fica guardada ali. Edito e crio outras realidades. Não é mais uma dança, é um vídeo, não é mais uma dança, é um vídeo, nÃo É MAiS Uma dANÇA É UM VíDeO!



Figura 25: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frame de vídeo sem título, 2022

Engraçado que no primeiro vídeo que gravei, *Lov u*, ainda achava que se tratava de dança. Depois da edição do segundo vídeo, ainda com a música de *Lov u*, entendi que aquilo não era real, era um vídeo, uma realidade virtual criada por mim. Os meus movimentos já eram outra coisa misturados com os efeitos, ângulo, transições e montagem das cenas.

Eu saí da ideia do presencial com a performance e fui para o virtual com os vídeos. O que existia na performance presencial? Dor. Eu queria encontrar o gozo. Desde o início queria que tivesse na apresentação um gemido de prazer ou algo que

lembrasse isso. Nunca teve, mas no virtual encontrei deleite e paixão em criar. Existe um diálogo entre a Laura real e a Laura virtual dos vídeos e das fotos. É um espelho.

Claro que aqui entram minhas questões pessoais como timidez. Nesse aspecto o vídeo é mais fácil para mim. Na disciplina de NTP I falei que queria a apresentação presencial porque exige um estado de corpo mais presente, algo que estava sentindo falta no contexto de pandemia e isolamento social. De fato, nos vídeos confesso que fui relaxando um pouco. No primeiro estava mais preocupada em criar esse estado de presença aquecendo o corpo e escrevendo palavras que aquela dança me remetia. Mas sabe, a primeira experiência foi a mais tensa. Talvez também porque foi a primeira. Porém, por que não relaxar? Eu não posso fazer o que é confortável para mim? Esse não é o “gostoso” de que estava falando antes?

Continuei me alongando e me mobilizando corporalmente antes de gravar os vídeos, mas com menos preocupação. Ninguém está me vendo, é um vídeo. Eu posso errar e gravar de novo. “Mas não! Não é possível sentir prazer com desleixo! Eu preciso me comprometer! Eu danço!”. Eu danço ou eu sou o vídeo? A dança do vídeo não é igual a dança real. Assistir em presença é completamente diferente de assistir a gravação pelo celular. “Eu tô mentindo para mim? Eu tô mentindo para mim?”

São duas linguagens diferentes. Estou de fato me perguntando: quero ser real ou virtual? Quero ser luz ou sombra? Eu sou os dois sempre, indiscutivelmente. Mas como? Esse “como” cada dia que existo me dá uma resposta diferente. Não há uma resposta encerrada em si mesma. Posso continuar viajando entre real e virtual, real e virtual, real e virtual... como uma onda de fumaça que me entretém e me faz sonhar que há muitas possibilidades de existência.

Depois comecei a pensar mais o momento da gravação em relação ao vídeo: gravar mais de uma vez com luzes diferentes e trocar elas na edição e experimentar filmar por mais de um ângulo; vivenciando a interrelação entre real e virtual no meu processo criativo e produzindo perguntas: o que é o prazer de dançar? Ou o que é o prazer de gravar e editar um vídeo? É um encontro entre presencial e virtual?

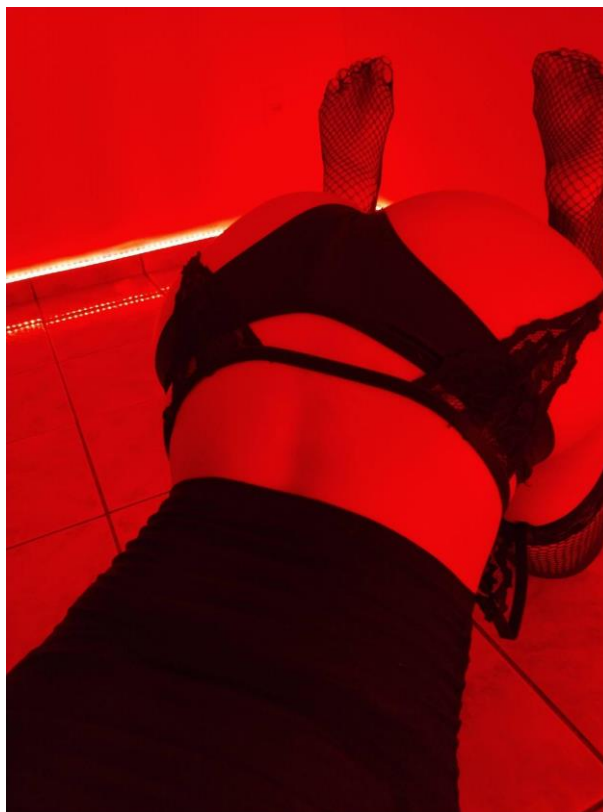


Figura 26: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Fotógrafa: Aldenora Carvalho, 2022

E será que isso não é dança? O vídeo pode ser uma janela. A partir do momento que você passou pela janela está naquela realidade. Qual a diferença entre ver uma árvore física e ver a foto ou vídeo de uma árvore? É a foto de uma árvore, é o vídeo de uma dança. Será que o vídeo ou uma foto podem ser o desejo de algo, como a fantasia? Eu tiro a foto pra provocar desejo? É a minha bunda, eu sei que a minha bunda de quatro vai remeter a algo sexual. Sensualizo para câmera fazendo expressões. Quero produzir desejo. O vídeo no celular seria o desejo de poder não ser humano, ser daquela mesma matéria digital e me fundir com aquilo? O desejo é de tornar a fantasia real ou a realidade fantasia? Como seria ser virtual e sentir a sensação daquele efeito de computador no meu corpo? Ou será que o barato é ser humano e sentir a sensação no meu corpo através da visão daquela imagem? A foto e vídeo é o olhar de alguém. O meu olhar sobre a minha sensualidade e sexualidade.

Enfim, nesse trânsito entre presencial e virtual, retomando o projeto inicial da performance presencial e o resultado final dos vídeos para o *instagram*, percebi que a minha “presença” na performance permaneceu tão virtual quanto os vídeos editados. No fim, o que pareceu serem dois projetos diferentes, talvez tenham sido um só desde o início.

#### CADERNO 4: QUIS ME SENTAR PARA CONVERSAR

*A bruxa de coração partido se veste de negro porque veio das trevas, mas deixa a raba de fora para mostrar que continua gostosa.*

*A adolescente apaixonada é uma gracinha. Fofa com o babadinho na bunda e safada ateando fogo.*

*A adolescente na verdade veio de outro mundo. Ela não desce do salto e seduz com cada cruzada de perna.*

*O capeta é o lodo que escorre de dentro para fora, tem o peito nu e baba pela boca. Ele é sinuoso porque geme e curva e descurva só para provocar.*

*A mulher de salto, lingerie e máscara, talvez seja o modelo genérico de sedução. O que não significa que deixa de funcionar.*

*Por fim, a louca de pedra. É louca porque está quase nua. Amarra-se com elásticos, mas está completamente solta e se cobre com um par de adesivos e uma calcinha estreita. O salto enorme marca a sua loucura de grandeza.*

Quando uma mulher decide raspar os cabelos, não depilar as axilas ou agir de maneira sexualmente decidida ela rompe com certos padrões predeterminados de gênero e gera uma tensão na representação social que faz balançar as bordas e limites de sua categoria. (NASCIMENTO, 2018, p. 421).

A confusão instaurada por esse entre das representações sociais e das autorepresentações faz com que não haja exatamente polos opostos em nossas subjetividades. Uma mesma mulher pode desejar depilar os pelos e ficar lisa como uma ninfa e em outro momento se tornar uma mata selvagem. Não são as normatividades específicas que queremos combater, mas justamente a impossibilidade de transitar sobre as normatividades existentes, de burlar suas regras, sem precisar provar novamente sua existência e legitimidade enquanto mulher. (NASCIMENTO, 2018, p. 423).

*Goiânia –GO, um dia qualquer, 202?*

*Cara Ana Reis,*

*Que bom é conhecer-te e tê-la como minha orientadora nesta pesquisa de TCC! É bom demais ler que posso ser uma ninfa ou uma selva no meio das pernas. É nisso que acredito também! É tão libertador! Nesse momento de minha vida quero explorar*

*os códigos da mulher sexy, gostosa, com a bunda de fora, lingerie, roupa coladinha, nua, salto alto, maquiagem, batom vermelho, linguinha de fora, tapa na bunda, perna aberta, mulher mascarada... E como tudo isso se desmonta. Esses adereços me dizem sobre sensualidade e ao mesmo tempo não dizem nada! São apenas um bando de objetos que não me respondem sobre ser mulher e sobre a minha sexualidade, entretanto, me despertam expressões e me fazem entrar em contato com os meus gostos e descobrir quem eu sou!*

Em Mulher sobre Torno, jogo com elementos da representação do feminino, instaurando um ritual, um show, um teste, que pode ser também um convite ao delírio e à subversão. Na performance, exploro as identidades possíveis de serem “acopladas” ao meu corpo numa recriação dos modos pelos quais ele se mostra ao outro. O corpo não é algo que existe em estado natural, ele próprio já é uma profusão de construtos sociais, intervenções médicas, jurídicas, discursivas, camadas e camadas que se sobrepõem, assim como as camadas das buchas e do vestido. (NASCIMENTO, 2018, p. 422).

*Para mim, nada é mais luz e sombra do que isso: ser o que eu quiser ser, explorar essas representações de feminilidade que me atraem e descobrir o que que tem lá: “E aí, o que que tá pegando aqui? Qual o babado? Qual o balacobaco? Isso é gostoso ou é nojento? O que isso me provoca e faz aflorar dentro de mim?”. Eu tô afim de me descobrir. O que importa não é o travestimento em si, mas tudo o que se transforma no ser que se traveste.*

*Ser gostosa é: eu nunca mais quero ir embora! Eu nunca mais quero ir embora de mim!*

*Atenciosamente,*

*Laura.*

[..] o corpo não é uma unidade orgânica que se relaciona apenas com seus pares semelhantes no seu entorno imediato, mas antes uma corporalidade reticular que conjuga sensações, informações e tecnologias para se atualizar e agir simultaneamente em múltiplos espaços. (OLIVEIRA, 2017, p. 1).

Não anuncio uma nova distopia, tampouco uma catástrofe. Sem alardes, o que ocorre é a radicalização da experiência de um sentir que não se dá mais sob a pele ou a partir de estímulos estritamente orgânicos. A crescente participação das tecnologias mecânicas, elétricas e digitais no nosso cotidiano inaugurou sensações e assim promoveu mutações semânticas na palavra corpo, esgarçando seu significado ao ponto de anulá-lo. (OLIVEIRA, 2017, p. 2).

Aquilo que alguns chamam de “corpo virtual” é insuficiente para analisar a condição do corpo no contexto das ambiências digitais, pois sua primeira interpretação nos conduz para a ideia de um “duplo” ou de um simulacro que habitaria esse adverso “ambiente digital”, levando à conotação direta de que haveria, em oposição, um “corpo real” para o local físico ao qual este estaria primeiramente ambientado. Essa concepção atualiza a oposição entre natural e artificial, distanciando-nos novamente da problemática factual suscitada pela crescente inter-relação entre o corpo e as tecnologias digitais. Conforme visto anteriormente, não há esse “ambiente digital” no qual um “corpo virtual” habitaria, já que a conectividade móvel está articulando uma contiguidade entre corpo, território e informações. Em suma, já superamos aquela suposta diferença entre o “plano físico” e o “plano digital”. (OLIVEIRA, 2017, p. 85).

Contudo, embora não haja propriamente um “corpo virtual”, certamente há um processo de virtualização do corpo em curso, pois sua definição e suas capacidades designadas pela forma moderna e individual estão sendo constantemente extrapoladas com as tecnologias digitais. (OLIVEIRA, 2017, p. 86).

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*Caro Danilo,*

*Adoro essas passagens da sua dissertação! Sinto-me uma cyberpunk, uma ciborgue, transformando-me em máquina, transportando meus sentidos para o digital e existindo como um avatar. Sei que você escreve buscando desconstruir a dicotomia entre natural e artificial, reconhecendo a interrelação entre corpo e as tecnologias digitais e a contiguidade entre corpo, território e informações. Entretanto, digamos que ainda estou na dicotomia, pouco a pouco me desnudando dos véus da ilusão. Digo isso, pois estabeleço para mim uma relação entre luz e sombra, real e virtual. Ainda estou compreendendo na minha experiência a não separação entre essas existências e ambiências.*

*A princípio, para mim é tão sexy esse “não existir”, presente na realidade criada, programada e recortada do “real”. O simulacro, a criação, a fantasia, a vida sem frustrações ou, no mínimo, reduzidas. Eu me congelo, fixo uma imagem e digo: “essa é a Laura”, ou “essa é a Laura que eu quero que você veja”. A Laura criada, construída e montada. Ela não se desfaz e não é precária. Essa representação fica salva na nuvem e não se altera, não se desmancha. A roupa não sai, a maquiagem não derrete, os pelos não crescem, o suor não fede e tudo se repete no replay e não há erros. É*

*tudo real, mas ela pode ser guardada e montada nos recortes, nas edições e nos efeitos.*

*Sombra. Existe a sombra da maquiagem, o esfumado, a ilusão que aumenta ou diminui, destaca ou esconde, chama atenção e provoca deslumbre ou disfarça cuidadosamente. Tudo depende da onde se incide a luz. O que aparece? É tudo jogo de luz e sombra. Tanto na psique quanto na luz cênica, na ilusão, na mágica e na tecnologia.*

*Enfim, talvez só queira compartilhar que o seu texto me deixa curiosa em investigar na minha vida e produção artística sobre a minha virtualização em curso.*

*Atenciosamente,*

*Laura.*

Além das relações entre mulher e adereços, corpo e tecnologia, fui procurar ler sobre dança, cinema e suas aproximações. “O grande diferencial está na dimensão espaço-temporal que é configurada a partir da relação entre o corpo em movimento e os pontos de vista móveis (e muitas vezes, múltiplos) que lhe observam” (COSTA, 2012, p. 24).

Para De Mey, uma grande diferença entre uma apresentação de dança ao vivo e um filme de dança diz respeito a temporalidade. Na apresentação da dança ao vivo, espectador e dançarino compartilham o mesmo tempo, que pode ser aproveitado pelo coreógrafo como um elemento estético da obra. (COSTA, 2012, p. 25-26).

Talvez o diálogo entre movimento e imagem, corpo e câmera, homem e máquina seja a própria poética da dança que é (re)criada na tela. A inserção da dança no universo audiovisual vem ampliando as possibilidades da própria dança enquanto fazer artístico, introduzindo a relação da dança com sua própria imagem, fazendo do corpo imagem corporal. (COSTA, 2012, p. 26).

*Goiânia – GO, um dia qualquer, 202?*

*Cara Antonieta,*

*O que me interessou no texto foi o ponto da temporalidade. Temporalidades diferentes: sou eu em um tempo dançando, em outro tempo no vídeo, em outro tempo editando, em outro tempo as pessoas assistindo, em outro tempo revendo o vídeo... A imagem é modificada e fica salva, resguardada em outro tempo, um tempo que só se repete, repete, no replay. O que fica para o vídeo não foi o que dancei, é outra coisa, de outra matéria, de outra natureza e de outro tempo e espaço, agora virtual, tecnológico, editado, computadorizado, máquina-humano. Eu existo ali e aqui.*

*Atenciosamente,*

*Laura.*

## CADERNO 5: VAMOS AOS FATOS

A partir daqui vou falar sobre como se deu a produção do resultado artístico em si. A primeira coreografia que montei foi *Fire*, em seguida *Alone with you*, *Lov u*, *wasted times*, *Never* e *Mezzanine*. Essa é uma suposta ordem já que, primeiro, a minha memória é falha, segundo, todas as coreografias sofreram alterações até o momento final da filmagem e, terceiro, fui criando concomitantemente mais de uma das sequências coreográficas.

Como já contei, no início não imaginava que esses vídeos seriam o meu TCC, por isso, não me preocupei em guardar todos os registros. Costumava filmar o final dos ensaios, mas, depois de um tempo, apagava os mais antigos. O registro mais antigo que tenho é da coreografia *Fire*, de 17 de abril de 2022. Depois de junho é quando começo a registrar mais, pois nessa época já havia decidido que essa seria a minha pesquisa de TCC. Então, em 7 de julho gravei em vídeo o que a princípio era a versão final de cada uma das coreografias no *pole dance*, que são: *Lov u*, *Never* e *Mezzanine*. Após, em setembro e outubro, estava testando a iluminação mais completa do espaço, ensaiando as coreografias e experimentando figurino.

Iniciei as postagens de todo o material no meu *Instagram*, *@pearly\_dancer*, no dia 7 de novembro. Quando iniciei as postagens no *Instagram* tinha filmado e editado apenas os vídeos e fotos de *Lov u*, *Never* e *Fire*. Os demais vídeos e fotos gravei e editei enquanto as postagens já estavam acontecendo. Organizei as publicações de modo que cada semana era destinada ao material produzido a partir de uma das coreografias. As publicações no meu *Instagram* referentes a minha pesquisa de TCC encerraram no dia 14 de dezembro de 2022, somando, ao todo, 30 publicações no *feed*.

Todos os vídeos de ensaio estão numa *playlist* não listada no YouTube, *Ensaio Pole Dance – TCC: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação*.<sup>22</sup>. Ademais, além das publicações no *Instagram*, também organizei uma pasta no drive com todo o conteúdo de fotos e vídeos que postei.

---

<sup>22</sup> Link da playlist de ensaios <https://www.youtube.com/watch?v=2u49GOQt1ok&list=PL0JiOfM9fhHQ-aSy7kL5a7hIA4pmgRZdE>

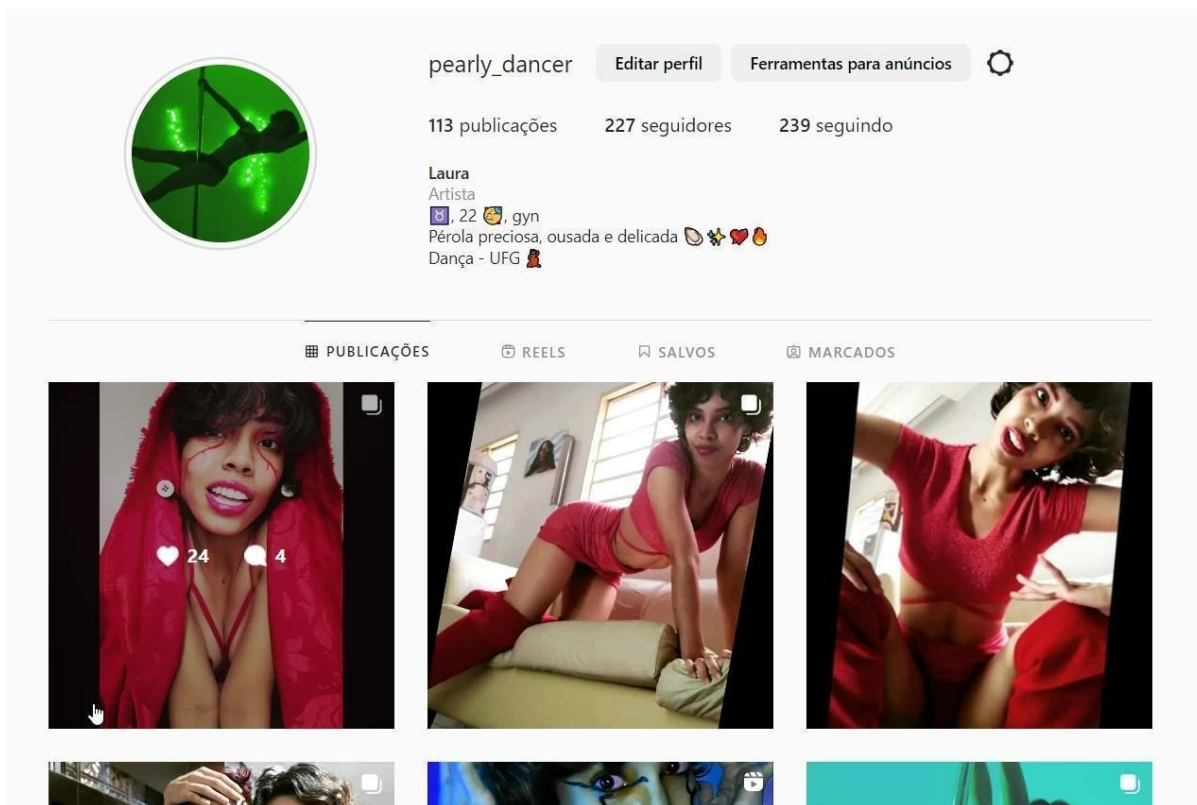


Figura 27: Sem título. Artista: Laura Carvalho de Moraes. *Print de perfil no Instagram, 2023*

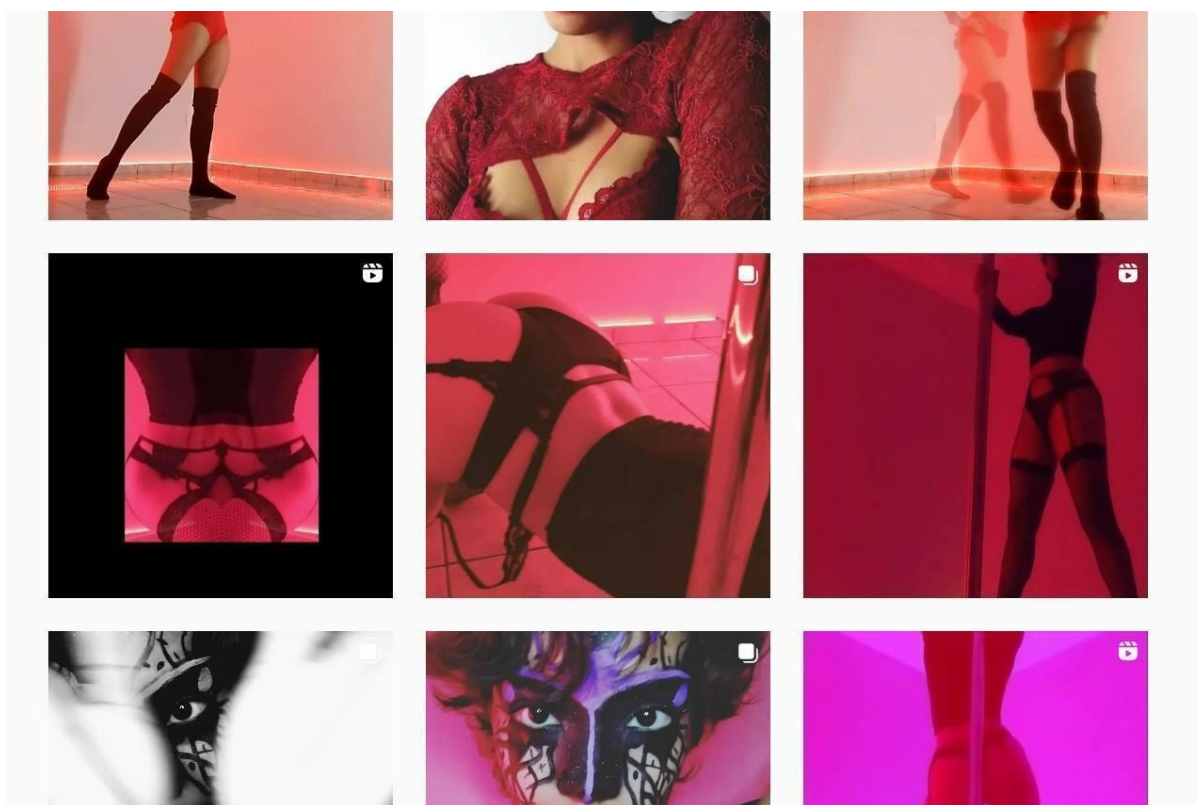


Figura 28: Sem título. Artista: Laura Carvalho de Moraes. *Print de perfil no Instagram, 2023*

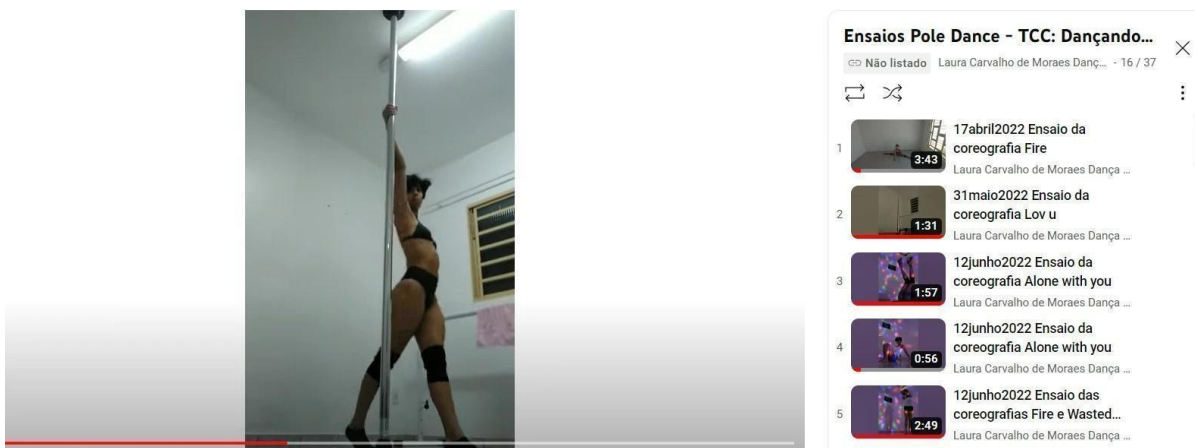


Figura 29: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. *Print da playlist Ensaio Pole Dance - TCC: Dançando Luz e Sombra: Autobiografia e Processo de Criação, 2023*

## Elementos da criação

### Espaço e música:

Criava as coreografias na minha sala com o espelho, e justamente por meio do espelho que me permitia acompanhar a estética dos movimentos enquanto coreografava. Todas as sequências foram montadas seguindo o tempo das músicas. A música fez bastante parte do processo criativo. Cheguei a cada uma das que usei nos vídeos pelo o que me era recomendado no YouTube (algumas já conhecia antes de iniciar a pesquisa de TCC e outras comecei a ouvir durante o processo). Assim, quando gostava muito de alguma música, e a ouvia no fone de ouvido no meu quarto repetidas vezes, porque me causava algum estado de espírito agradável, decidia que queria coreografar com ela.

A partir do que eu percebia que cada música me provocava, através da letra, melodia e tempo, imaginava a estética e intenção dos movimentos, as peças de figurino e a ideia da maquiagem. Depois de escolhidas, não ficava em contato com as músicas o tempo todo. Escutava nos ensaios e depois tinha uma memória delas para pensar os demais elementos.

Um espaço importante foi onde aconteceram as filmagens e fotos, a sala ampla na clínica da minha mãe, que me proporcionou uma distância maior para posicionar o celular e captar meus movimentos. Essa sala não possui espelho.

## Iluminação:

A iluminação teve um papel muito importante na elaboração do material de vídeo e fotos. O objetivo era criar a minha boate com luzes coloridas piscando. Lembro-me de ter visto uma vez o perfil de uma mulher estrangeira que posta conteúdo de *pole dance* no *Instagram*. Chamou minha atenção a iluminação dos vídeos, que era mais escura, só com a luz cênica. Isso me inspirou a querer uma iluminação noturna nos meus vídeos.

Além disso, o ambiente da escola de *pole* tinha uma iluminação com fitas e lâmpadas led, que foi a iluminação que adquiri. Ademais, na escola sempre filmávamos a coreografia ao final da aula e isso também me influenciou a pensar os meus vídeos de *pole dance*. Nessa etapa de coletar informações, sentia-me como uma observadora do espaço, reunindo dados e experiências, os levando para o meu laboratório pessoal.

A parte da iluminação me rendeu alguns pepinos<sup>23</sup>: não entendo muito de iluminação, assim, assisti alguns criadores de conteúdo que davam dicas simples sobre iluminação para vídeo. Segui esse material para comprar as minhas luzes, que foram dois rolos de fita led, uma lâmpada giratória colorida de led, três luzes tubulares de led nas cores branco, vermelho e verde e um strobo<sup>24</sup>. *Spoiler*: uma das fitas led estragou no meio do meu cronograma de gravação, então, tive que voltar na loja e comprar outra. Senti um ódio!

Ademais, quando recebi as três luzes tubulares que comprei na internet, percebi que havia comprado só as luzes e ainda precisava resolver como ligá-las. Contratei os serviços de um mestre de obras conhecido dos meus pais e ele fez uma estrutura de madeira para fixar as lâmpadas e a fiação para ligar na tomada. Ele também fez duas tomadas para instalar as fitas led na sanca do teto. Quem me ajudou a instalar as fitas led no chão e no teto foi a minha mãe.

---

<sup>23</sup> Expressão popular que significa problemas.

<sup>24</sup> Iluminação comum em baladas e festas. É uma luz branca que fica piscando em diferentes velocidades, causando a sensação de movimentos em câmera lenta.



Figura 30: *Sem título*. Arquivo pessoal, 2023

A resolução desses pequenos acertos técnicos foi um dos momentos que pensei: “Será que estou fazendo tudo certo? Vai funcionar?”. Além disso, tinha receio se as lâmpadas que adquiri seriam o suficiente para a filmagem pelo celular não ficar escura. Outra preocupação ao longo do processo foi escolher a cor das luzes para cada coreografia, de modo que não modificasse a visualização que desejava das cores dos figurinos. No fim, realizando os testes e com a parte técnica resolvida, consegui realizar a iluminação que queria em meus vídeos.

### **Maquiagens:**

Pensar nas maquiagens foi um processo legal, pois produzi um material visual em relação a isso. Pedi para o meu pai, que é artista visual, desenhar um modelo de rosto para mim. Usei esse rosto para planejar as maquiagens desenhando no papel com lápis de cor. Depois, testava a ideia que desenei, maquiando meu rosto com tinta, sombra, lápis e batom. Após o teste no meu rosto, fotografava a versão final e a

desenhava novamente no papel. Para o desenho de cada maquiagem fui tirando xerox do molde do rosto. Por fim, guardava os desenhos em uma pasta e levava para a clínica da minha mãe no dia da filmagem.



Figura 31: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Estudo da maquiagem de *Fire*, 2022



03/22  
Laura

Figura 32: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Estudo da maquiagem de *Lov u*, 2022



Laura  
08/22

Figura 33: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Estudo da maquiagem de *Mezzanine*, 2022

### **Figurinos e variedade:**

Aprendi com o meu pai que na produção de uma imagem as diferenças de uma cor ou de uma forma são importantes na composição e criam pontos de interesse. Costumo levar esse pensamento das variações para as minhas produções. Por isso, não fiz todas as coreografias no *pole*, todo o conteúdo não são vídeos de dança e todos os figurinos não seguem o mesmo padrão.

Assim, três coreografias são completamente no *pole*, duas danço livre pelo espaço, uma delas acontece toda no chão e uma das coreografias varia entre estar em contato com pole e avançar no espaço. Em relação ao conteúdo, além dos vídeos dançando, têm fotos de maquiagem mais focadas no rosto, dos detalhes das peças de roupa e dos sapatos e de poses de dança mostrando o corpo inteiro. Além disso, brinquei com as possibilidades no *Instagram* de fazer *reels*, de colocar uma foto sozinha com uma música e de publicar uma quantidade maior de imagens em formato de carrossel. Escolhi também estilos diferentes de música, variando entre *pop*, *darkwave* e música eletrônica, assim como busquei diferenças nos figurinos, de modo que cada um passasse uma mensagem diferente.

Na primeira coreografia, as peças são todas pretas – uma blusa segunda pele transparente, sutiã, calcinha fio dental, cinta-liga e meia arrastão, e estou dançando sem sapatos. Na próxima coreografia a maior parte das roupas é vermelha, com bordados e babados – *hot pants*, sutiã e segunda pele só nos braços, as meias são pretas e estou de joelheira. Na terceira, visto um *collant* e um shortinho de crochê em tons claros, bem diferente dos demais figurinos, um salto alto (a primeira vez que estou de calçado nos vídeos) e joelheiras. Na coreografia seguinte, mudo drasticamente de estilo e estou sem blusa, o tronco pintado com tinta preta, uma calça justa, uma máscara amarela de vaca e um salto de plataforma para dançar *pole dance*. Na quinta coreografia, repito o elemento da máscara, mas, dessa vez, é uma máscara de carnaval brilhante, também amarela, visto um *corset* rosa com preto, repito o elemento da calcinha fio dental e danço com uma bota preta de cano médio, diferente da bota próprio para *pole dance*. Por último, usei um figurino de elásticos pretos e vermelhos, a bota de *pole*, uma calcinha fio dental vermelha e adesivos de estrela nos seios.

Dessa forma, busquei não repetir as peças de roupa. Mesmo tendo dançado de calcinha três vezes, por exemplo, eram calcinhas de cores e desenhos diferentes.

Apenas não tive como evitar repetir a bota de *pole dance*, pois era a única que tinha. Ademais, imaginei nas escolhas dos figurinos uma progressão entre começar mais vestida e terminar praticamente pelada.

Reflito comigo a interferência que as roupas têm na sensação de me sentir *sexy* e sensual. Na minha experiência, percebi que usando menos roupas consegui ver mais a minha pele, o meu corpo e as minhas formas. Isso aproximou-me do jogo entre mostrar e não mostrar, indo até o limite do quanto é permitido ficar sem roupa, no *instagram* pelo menos. Exemplo, estou sem sutiã e é possível perceber a silhueta dos meus seios, mas estão cobertos de uma tinta escura. Assim, é possível imaginar, porém não como ver completamente como são meus peitos. Outra situação experimentada foi poder ficar de perna aberta com o mínimo de tecido cobrindo as genitais, ou seja, chegando de novo ao limite do que posso expor do meu corpo nessa rede social.

Ademais, essa experiência com as roupas, fotos e vídeos me possibilitou ver melhor a minha própria bunda e identificar mais do seu formato e de como é quando rebolo e me movimento. A bunda também traz outro ponto em relação ao limite do que é permitido no *Instagram*. Essa parte do corpo, da forma que coloquei nesse projeto, possui um apelo sensual e sexual e posso mostrá-la completamente nessa rede social, até bem perto da câmera. No entanto, mamilos femininos e virilha, tendo ou não um apelo sexual, não possuem a mesma liberdade.

Sobre a aquisição dessas peças de roupa, comprei para compor os figurinos: a cinta liga, calcinha vermelha, sutiã vermelho e salto alto. As demais peças eu já possuía no meu guarda-roupa devido às aulas de *pole dance*, porque já tinha vontade de comprar, independentemente dos vídeos ou já as possuía há alguns anos.

Além disso, o figurino com os elásticos foi desenhado por mim e costurado pela minha mãe. A primeira versão não deu certo, porque ficava em cima do meu *piercing* na altura do esterno, causando uma inflamação. Isso me deixou preocupada, mas consegui tratar o problema. Nesse figurino, os adesivos nos seios também não funcionaram na primeira tentativa. Havia comprado uns que vendiam na farmácia na cor bege e pinteí por cima com tinta vermelha, mas a tinta amoleceu o papel e prejudicou a cola do adesivo na minha pele. Então, comprei dois pares de adesivos vermelhos pela internet e refiz o projeto da parte de cima da peça com elásticos. Na segunda tentativa deu certo.

Com a roupa da primeira coreografia também tive imprevistos, pois, no dia da filmagem, não estava conseguindo de jeito nenhum prender a cinta liga na meia arrastão. Chamei a minha mãe e ela foi na clínica me ajudar.

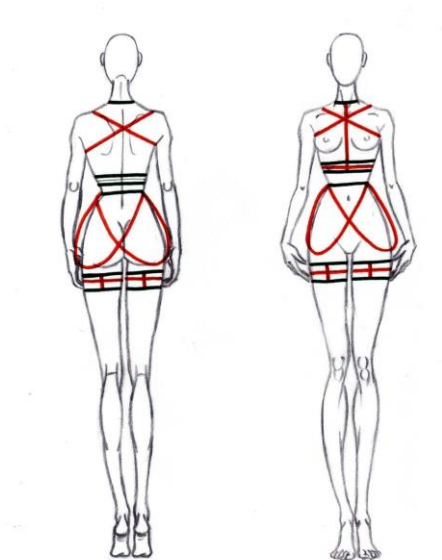


Figura 34: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Estudo da primeira versão do figurino de *Mezzanine*, 2022

### **Edição de vídeo e referências:**

Para editar os vídeos usei o programa *FilmoraPro*. Adquiri esse *software* recentemente (em relação ao momento em que editei os vídeos desta pesquisa), assim, algumas ferramentas descobri intuitivamente como usar, e outras pesquisei em tutoriais no *YouTube*. Dessa forma, a produção desses vídeos me ajudou bastante a explorar os recursos do programa de edição. O primeiro vídeo que editei nesse *software* foi anterior aos vídeos para o TCC, que o produzi para a disciplina na faculdade de Processos Criativos I<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> *Link* do vídeo *Dark skies* (videoperformance)  
[https://www.instagram.com/reel/CigED\\_8MSdH/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/reel/CigED_8MSdH/?utm_source=ig_web_copy_link)

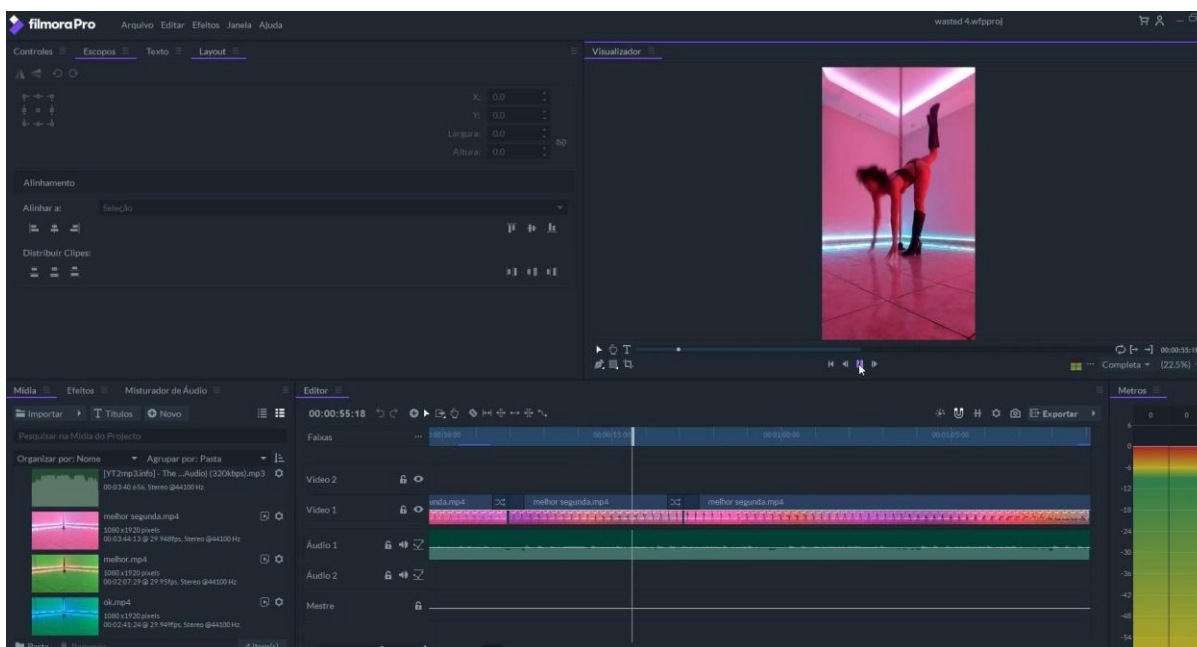


Figura 35: *Sem título*. Artista: Laura Carvalho de Moraes. *Print* da tela do *FilmoraPro*, 2022

Conforme editava, fui me apropriando das ferramentas e entendendo que muito da criação do vídeo estava acontecendo no momento da edição. De forma que o material editado muitas vezes se tornava completamente diferente do que estava gravado no celular. No computador atingia o meu objetivo de criar o resultado virtual que queria a partir da minha dança.

Então, explorava como manipular as imagens, colocá-las em relação com o áudio e entregar a minha percepção daquele material. Podia criar um começo de vídeo mais desfocado e depois deixar a cena mais nítida, pular de um movimento para o outro e não necessariamente seguir a ordem da minha sequência coreográfica, escolher em qual filmagem achava que tinha feito melhor o movimento, adicionar efeito nas imagens de duplicar, sobrepor, acelerar e desacelerar o tempo...

Além das decisões mais premeditadas, em alguns momentos aconteciam encaixes por acaso e que funcionavam no vídeo. Descobrir isso era bacana e conseguia depois replicar propositalmente aquele encaixe. Logo, foi tudo uma questão de combinações e composições possíveis. Quando usar mais efeito? Quando usar menos? Como criar sensações e pontos de interesse?

Além dos recursos de edição do *FilmoraPro*, utilizei as ferramentas do próprio *Instagram*, que foram os filtros e a sincronização de fotos com áudio para criar um

*reels*<sup>26</sup>. Ademais, essa rede social se adequou bem ao meu projeto, pois nela é permitido subir vídeos com músicas conhecidas sem problemas com direitos autorais.

Até o momento não cheguei a estudar sobre composição de vídeo, então, fiz tudo seguindo o meu *feeling*, isto é, intuitivamente utilizei os meus saberes acumulados sobre olhar estético e criação ao longo da minha vida. Assim, olhava o que estava produzindo, gostava e decidia que havia concluído. Os primeiros vídeos que editei para o TCC, *Lov u*, *Fire e Never*, subi numa pasta no drive e compartilhei com a minha orientadora. Ela me deu o feedback de que estava bacana e, depois disso, só compartilhei o material com outras pessoas no momento das postagens.

Ademais, observei algumas características comuns aos vídeos que produzi nesta pesquisa. Primeiro, todos possuem uma duração curta, chegando a menos 1 min. Optei por vídeos curtos pela facilidade de não ter que criar tanto tempo de coreografia e porque, no *Instagram*, apesar de serem permitidas publicações longas, eu particularmente prefiro assistir vídeos curtos nessa rede social. Além disso, observei que na minha edição procurei chamar a atenção logo no início, utilizando um conjunto de efeitos e, depois, diminuindo essa quantidade.

Acredito que, principalmente nos vídeos das últimas duas coreografias, comecei a usar mais a edição para criar sentidos, além de apenas encaixar as imagens. No primeiro vídeo de *Wasted times* usei os efeitos para criar uma ilusão de embriaguez e tontura, editando inclusive o áudio da música. Já no vídeo de *Mezzanine* deixei a imagem com um efeito distorcido, pois queria trazer uma estranheza para o meu corpo. Às vezes o braço era longo demais ou a perna muito grossa, criando desproporções.

Além disso, ao longo do processo de edição, fui percebendo uma similaridade dos meus vídeos com a produção de videoclipes, principalmente pela relação direta com as músicas. Separei algumas referências de videoclipes que trazem elementos que me interessam esteticamente e que apareceram na minha produção<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> *Reels* é o nome para um tipo de publicação no *instagram*. É específico para o compartilhamento de vídeos com duração limite de 15 minutos.

<sup>27</sup> Videoclipes que me inspiram esteticamente

<https://www.youtube.com/watch?v=dXMfdpjinAHU&list=PLa5jXMXBZPoN1xK0QMx2XcHPsFLBVK1dk&index=2>

[https://www.youtube.com/watch?v=j-qX\\_brIsfY&list=PLa5jXMXBZPoN1xK0QMx2XcHPsFLBVK1dk&index=9](https://www.youtube.com/watch?v=j-qX_brIsfY&list=PLa5jXMXBZPoN1xK0QMx2XcHPsFLBVK1dk&index=9)

<https://www.youtube.com/watch?v=dG2r4iS8EwU>

[https://www.youtube.com/watch?v=NRI\\_AcKwnUw](https://www.youtube.com/watch?v=NRI_AcKwnUw)

Por fim, a edição dos vídeos foi uma parte muito gostosa do processo! Depois que começava, principalmente nos primeiros vídeos e também nos últimos, era difícil me afastar do computador, porque queria continuar imersa naquele universo que estava criando. Era quase hipnótico. Porém, percebia também a necessidade de parar e me afastar um pouco. Após, com o olhar descansado, conseguia encontrar as soluções que precisava para concluir os vídeos.

### **Filmagem:**

Gravava os vídeos no final de semana (sábado ou domingo – um dia era o suficiente) porque era quando a minha mãe não estava trabalhando na clínica. Então, éramos só eu e gatos – que achavam tudo aquilo muito estranho. Algumas vezes, por deslize na organização (vai ver que era para dar mais emoção), gravava na segunda-feira à noite. Filmava a noite porque não queria usar a luz natural do dia, apenas a luz artificial, geralmente entre 19h e 20h, às vezes 21h. Preparava-me durante a semana até chegar o dia de gravar. Um dia ensaiava a coreografia, no outro testava a maquiagem, depois estudava onde iria posicionar a câmera, outro dia testava a iluminação do espaço e, por último, o figurino. Não tinha uma ordem rígida para esses testes, mas tinha que passar por todos eles. Além disso, fazia anotações para me ajudar a reter as informações.

música: I love U  
 coreô: 1  
 figurino - meia, orelhões  
 preta, meia ~~de~~ fina preta(?),  
 calcinha fio dental preta, top  
 sutiã preto, blusa segunda  
 pele preta, cinta-liga  
 iluminação - vermelha, led  
 piscando ~~estroboscópica~~  
 maquiagem - desenho  
 vídeo principal - de baixo  
 p/ cima, ~~olhar~~ no chão,  
 câmera traseira, parada.  
 vídeos secundários - onda na  
 barra (stories), onda das mãos,  
 rebolada na barra de costas  
 fotos - rosto maquiagem; frames  
 de vídeos, poses de dança - bunda  
 torcida na barra p/ cima,  
 braço p/ longe, costas  
 atrás, olhando para  
 trás, olhando para  
 trás

música: fizê  
 coreô: 2  
 figurino - segunda pele  
 braço vermelho, sutiã  
 vermelho, shortinho  
 elástico de babado vermelho,  
 soelheira preta, meia  
 longa preta  
 iluminação - vermelha  
 e branco  
 maquiagem -  
 desenho  
 vídeo principal - igual  
 vídeos secundários - braços do  
 vídeo principal  
 efeito vai e volta,  
 câmera lenta,  
 fotos - make,  
 frame dos vídeos (stories)

poses de dança - ideia ~ valorizando a  
 roupa - + de peito, passando a mão,  
 empinando a bunda; poses - costas p/  
 trás; pernas abertas, pernas p/  
 cima, costas arqueadas  
 iluminação - bolinhas  
 coloridas

música: alone with you  
 coreô: 3  
 figurino - colant listrado, shortinho crochê,  
 salto, soelheiras pretas  
 iluminação - piscando colorido (led +  
 lâmpada)  
 maquiagem - desenhos  
 vídeo principal - do chão  
 secundários -  
 fotos - make, fotos do  
 salto com as pernas  
 (de frente e de  
 costas), p/ cima, frames perto  
 do vídeo

Figura 36: Sem título. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Frente das anotações para filmagem e fotos de todas as coreografias, 2022

música: never  
 coreô: 4  
 figurino: máscara de  
 vaca, calça legging preta,  
 salto preto, corpo pintado;  
 soelheira  
 iluminação: verde, strobo  
 maquiagem: máscara;  
 corpo  
 vídeo principal: igual  
 secundário: descida  
 da barra (foco na bunda/  
 mostrando a cabeça p/ trás)  
 leg waves (câmera parada/  
 movimento);  
 retrato focado na barra  
 fotos: frames do vídeo, el a máscara,  
 fotos do salto, ~~de~~ valorizando  
 roupa, pinturas; fotos bem abaixo  
 p/ cima

música: Mezzanine  
 coreô: 6  
 figurino: elásticos, adesivo  
 no peito, salto preto, calcinha  
 fio dental, soelheira  
 vermelha  
 iluminação: verde, verde  
 vermelha, strobo, fita led fade(?)  
 maquiagem: desenho  
 luz verde - experimental  
 vídeo principal: igual + combos (antes  
 e depois).  
 secundário: início focado  
 na barra, até corpo  
 p/ trás. "reinvent me",  
 "traffic grows"  
 fotos: make rosto; fotos  
 da roupa (bunda/peito),  
 dança - corpo p/ trás,  
 agachada na frente  
 da barra (vídeo)

Figura 37: Sem título. Artista: Laura Carvalho de Moraes. Verso das anotações para filmagem e fotos de todas as coreografias, 2022

Durante cada semana me ocupava de uma coreografia. Não foram seis semanas seguidas trabalhando. Em algumas tive que parar porque simplesmente o processo não estava fluindo. Esses tempos de pausa, apesar de parecerem que “algo deu errado”, foram muito bons, pois deram tempo de novas ideias, em relação ao projeto, irem surgindo e se assentando na minha cabeça.

No dia de filmar chegava à clínica entre 17h e 18h para me preparar. Primeiro arrumava o espaço em que ia filmar, já posicionando as luzes e tirando as coisas do caminho, e dispunha as maquiagens que iria utilizar na pia do banheiro. Depois me alongava e aquecia o corpo, fazia a maquiagem e vestia o figurino. Em seguida, tirava as fotos da maquiagem e, por fim, posicionava o celular e a música para tocar, iniciava a gravação e ia dançar (Dá uma nostalgia e um sentimento de orgulho lembrar de toda essa rotina, por todo o esforço bom que foi concluir esse projeto).

As gravações foram todas com a câmera do meu celular. Optei por me filmar sem a ajuda de ninguém, então, trabalhei com uma câmera parada, frontal e posicionada num apoio no chão. A escolha pela câmera parada implicou em consequências no momento da edição, pois a dinâmica do vídeo ficou toda pautada nas trocas de imagem feitas no editor, visto que não contava com o movimento da própria câmera.

### **Fotos:**

A ideia de trabalhar com fotos, além dos vídeos de dança, veio porque queria destacar as maquiagens. Depois, fazendo as fotos percebi que não estava destacando apenas as maquiagens, mas também a minha face e expressões faciais. Além disso, tirei fotos de poses da dança e de detalhes das roupas e dos sapatos. Para as fotografias das vestimentas e calçados, acredito que me inspirei nas fotos que vejo no *Instagram* de brechós online vendendo suas peças.

As fotos do meu rosto eu fazia por vídeo, usando a câmera frontal do celular. Gosto de me ver no vídeo, acompanhar meus movimentos e minhas expressões. Depois, assistia aos vídeos no computador e salvava os frames, isto é, as fotos que queria.

Já as fotografias de poses de dança e detalhes dos figurinos quem tirou foi a minha mãe. Foi um desafio ser fotografada por outra pessoa. Escolhi a minha mãe,

pois ela já tinha me ajudado outras vezes e as fotos tinham ficado boas. Tinha um roteiro das poses que queria fotografar e da iluminação para as fotos, falava para ela o que queria que captasse do meu movimento e ela olhava pela câmera como era possível fazer o que estava pedindo.

Nas primeiras fotos pedi para minha mãe fazer vídeos (dos quais depois tirei os frames) do meu quadril rebolando no *pole*. No processo, perguntei se ela achava muita ousadia pedir para ficar filmando a minha bunda daquele jeito. Ela disse que nunca tinha imaginado fazer aquilo, mas não estava achando ruim kkkk. Minha mãe foi essencial nesse processo. Anteriormente, ela até me perguntou se não queria contratar alguém profissional para fazer as fotos, porém, respondi que, naquele momento, não. Como era algo muito novo para mim, sabia que ficaria mais à vontade com ela do que com qualquer outra pessoa.

Finalmente, editei as fotos no meu próprio celular, fazendo alguns cortes e usando os filtros do *Instagram*. Algumas editei no *FilmoraPro*, dando mais contraste ou algum filtro para as imagens.

### **Orçamento:**

Saiu tudo do meu próprio bolso. Vou chutar que, o que comprei pensando só neste projeto, deve ter custado cerca de 1000 reais – que foi a iluminação, o serviço do mestre de obras e algumas peças para os figurinos. O restante que utilizei, maquiagens, barra de *pole dance*, peças de roupa, sapatos, celular, computador e programa de edição, eu já possuía antes do projeto, para outros fins. O recurso financeiro disponível é obviamente muito importante na produção de um projeto, pois ele apresenta um limite em relação ao que poderia adquirir de material.

## INTEGRANDO.... INTEGRANDO... INTEGRANDO...

“Trata-se de uma imagem sensível que contém uma excitação. O artista é profundamente afetado por essa imagem que tem poder criativo; é uma imagem geradora.” (SALLES, 1998, p. 54).

“O percurso de concretização da obra caminha para uma satisfação mesmo que transitória, como já discutimos. Pois há uma profunda verdade que o artista procura expressar em sua obra, mas nunca o consegue integralmente.” (SALLES, 1998, p. 33).

*Fogo  
Corpo  
Corpo fogo  
Fogo tremendo  
Tremar todo o fogo  
Fogo que cria corpo.*

*Eu posso continuar citando? Eu tenho que parar? Minha pesquisa se encerra aqui? Que incrível é estar aqui! Parece um sonho, toda a vontade de continuar! Falaram-me para desapegar e com certeza quero soltar, mas sem dúvida incendeia o desejo de recomeçar. A criação em si me agita, a ideia da criação! Quero rir dessa pesquisa como um todo. O que? O que aconteceu? Passou um furacão? Sinto-me mais perdida do que antes, entorpecida de tesão de estar em contato com a gostosa que sou! Êta lasqueira! Todas as coisas fazem mais sentido. O adeus é difícil, leitor, não solte a minha mão!... Inspira, expira. É hora de findar. Tchau, até a próxima! Que o fogo continue ardendo em mim e em ti.*

*Fogo Criativo, Intuição.*

*Tudo passou! Parece que foi mentira! Mas não, as provas estão lá. Então deve ser tudo verdade!*

*A loucura do amor é uma dádiva e não posso ir embora sem falar de amar. Pode parecer não ter nada a ver, mas a conciliação entre opostos é amor puro! Criar seguindo uma fantasia é amor, pois nem a brutalidade da raiva seria capaz de impulsionar tudo que vivi, só o amor. Amo cada vídeo, cada foto e nesse amor livre largo tudo! Para começar uma nova história que só é possível por todo o amor que cresceu em mim. Que mulher apaixonada! Aô paixããã! Arte e amor.*

*Quero que fique claro, é foda! Sinto medo pra caralho de escrever este tcc. Mas, caara, depois que encontro a escrita que quer sair de mim... A emoção não tem comparação! Como pode? A mesma coisa que me assusta me dá um prazer enorme, uma energia vital tão vibrante que agita meus dedos no teclado e dá vontade de me mover, de me esticar, de viver! Dá vontade de viver! Dei prioridade na minha escrita a essa emoção. Não pude largá-la, é tão boa, é tão eu. Foi essa energia que vibrou ao longo desse processo criativo, a força que me motiva a criar, porque sem ela, nada justifica! Não tem música, roupa, dança, maquiagem, salto que motive, nada. Isso é sexualidade! A energia que move para a vida! Isso é uma sensualidade gostosa! Deixar fluir a sexualidade pelo corpo, pelos gestos, pelos cheiros, pelos sabores, pelos amores, pelo mundo!*

*Desculpe-me amigue, certamente havia mais para escrever, mais para explicar, porém, o tempo corre, o tempo urge! Já estão me chamando lá do outro lado para novas histórias! Não, não alcancei tudo que queria e nem a expressão que visualizo de mim, mas foda-se! Não importa. Só eu sei todo o ouro que vi brotando de mim ao longo desse processo, cada pedrinha e cada brilhaço. E isso importa.*

*Escrita extremamente emocionada. Eu não integrei nada, só quero começar tudo de novo e partir para próxima criação com o corpo ardendo!*

*Feliz, feliz, feliz, FELIZ!*

Na mandala astrológica, peixes é o último signo, trazendo a simbologia da dissolução, da água mutável que lava por onde passa. Depois dessa energia, tudo começa de novo, no elemento fogo do signo de áries. Na minha experiência, a conclusão de um processo criativo é isso: soltar e recomeçar. O desejo pelo novo projeto vem implacável e sem demora, exigindo dançar de novo.

Comecei com uma ideia no coração e sinto que dela brotaram belas flores tecnológicas. Utilizei meus saberes acumulados de estilos de dança, de improvisação, de vídeo, de edição, de foto e fui somando ao meu interesse pela maquiagem, pelas roupas, pelos sapatos, por novos jeitos de dançar e novas leituras de mundo. Nisso, somaram-se também ambientes de aprendizado de dança, processo criativo e psicologia, desde as escolas de dança que fiz aulas, a faculdade, eu dançando no meu quarto, os livros da minha avó e a minha criação pela minha mãe e meu pai.

Foram 2 anos e alguns meses de processo criativo, iniciado no final de 2020 e encerrando no início de 2023. Nunca fiquei tanto tempo trabalhando em um único projeto, mesmo com os intervalos, mantive-me conectada à criação. Foi um período sofrido, mas também muito feliz. Ao final, não criei apenas fotos, vídeos de dança e um texto, movimentei a minha vida interna e externamente, mudei completamente a minha realidade e adquiri uma nova visão de mundo que não desgruda mais dos meus olhos. Tudo para mim agora é luz e sombra, tudo são polaridades complementares, tudo é mais do que a minha vista consegue alcançar, por isso é preciso imaginar e confiar no meu instinto.

Agora, passado o frenesi da minha *“escrita extremamente emocionada”*, sinto quase vontade de chorar. Mas antes, quero trazer duas citações. A primeira, de Anzaldúa, “Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.” (ANZALDÚA, 2000, p. 232). Gosto de parafraseá-la e dizer: Danço porque tenho medo, mas tenho mais medo ainda de não dançar. Por último, lembrei-me de uma dedicatória que vi num livro direcionada ao meu pai, que foi escrita pelo próprio autor. A dedicatória diz: “Jung dizia que se o indivíduo não puder criar algo artístico, pode criar a si mesmo. Imagino que você possa fazer os dois”. Bom, sou filha do meu pai e ouvi a vida toda que “filho de peixe, peixinho é”<sup>28</sup>, então, imagino que também esteja fazendo os dois.

---

<sup>28</sup> Ditado popular que significa que alguém é muito semelhante ao pai ou à mãe, em aparência ou personalidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. n. 1, v. 8. Santa Catarina: UFSC, 2000, p. 229- p. 236.
- ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. Tradução de Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos. Revisão da Tradução: Viviane Veras. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009 305.
- BACCELAR, C. B. Performance e Feminismos: diálogos para habitar o corpo- encruzilhada. **Urdimento**, v. 2, n. 27, p. 62-77, Dezembro, 2016.
- CERBINO, B.; MENDONÇA, L. **Audiovisual, videodança e dança: conceitos e devoramentos**. DOCPLAYER, 2023. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/16916864-Audiovisual-videodanca-e-danca-conceitos-e-devoramentos.html>>. Acesso em: 06 fev. 23.
- COSTA, Antonieta. Dança e Cinema: Algumas Aproximações. **Revista Gambiarra** – n. 4, ano IV, 2012. p. 22-28..
- FELÍCIO, Brasigóis. **Psicologia da sombra (fazendo arte com maldade)**. Goiânia: edições consorciadas UBE/GO, 2002.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1990.
- HAMAKER-ZONDAG, Karen. **Astropsicologia: uma chave para o autoconhecimento e o crescimento pessoal**. Tradução de Vera Wrobel Bloch. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- JOHNSON, Robert A. **Magia Interior: como dominar seu lado sombrio da psique**. Tradução Julia Bárány. São Paulo: Mercuryo, 1996.
- JUNG, Carl Gustav. **AION: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, O.S.B. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- JUNG, Carl Gustav. **O Eu e o Inconsciente**. Tradução da Dra. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- KLINGER, Diana. Escrita de si como performance. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n. 12, 2008.
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Dionísio no exílio: sobre a repressão da emoção e do corpo**. Tradução de Roberto Cirani. São Paulo: Paulus, 2002.

MEDEIROS, M. B. **Bordas rarefeitas da linguagem artística performance suas possibilidades em meios tecnológicos**. Corpos.org, 2023. Disponível em: <<http://www.corpos.org/papers/bordas.html>>. Acesso em: 06 fev. 23.

NASCIMENTO, Ana Reis. SILVA, Claudia Maria França. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiografia e as prática artísticas contemporâneas. **Revista GEART**. n. 2 v. 3. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p. 61 - 73.

NASCIMENTO, Ana. Reis. Mulher sobre Torno: a gira das representações de gênero. In: II Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, 2018, Goiânia. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018. p. 415 - 425.

PATZDORF, Danilo. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo**: corporalidade nas ambiências digitais. 2017. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PENNA, Lucy Coelho. **Dance e recrie o mundo**: a força criativa do ventre. São Paulo: Summus, 1993.

PENNA, Sérgio. Criatividade: encontro profundo consigo mesmo. In: LIMA, E. P. Psicologia profunda: **Textos de Conhecimento e Vida**. São Paulo: Sistema editorial Clube dos Autores. p. 293 - 302.

SALLES, Cecilia. **Gesto Inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SANTOS, J. M. P. Breve histórico da “performance art” no Brasil e no mundo. **Revista Ohun**, ano 4, n. 4, p, 1-32, dez, 2008.

SICUTERI, Roberto. **Lilith**: a lua negra. Tradução de Norma Telles, J. Adolpho S. Gordo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.